

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA NORMAL SUPERIOR  
CURSO DE PEDAGOGIA

**SÂMEA VASQUES SIQUEIRA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA CONTRIBUIÇÃO  
PARA O DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DA  
CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

MANAUS- AM  
2018

SÂMEA VASQUES SIQUEIRA

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O  
DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Amazonas, elaborado sob orientação da Professora Dra. Maria Evany do Nascimento.

MANAUS-AM  
2018

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

s618c	<p>Siqueira, Sâmea Vasques A contação de histórias e sua contribuição para o desenvolvimento psicossocial da criança na Educação Infantil / Sâmea Vasques Siqueira. Manaus : [s.n], 2018. 77 f.: color.; 33 cm.</p> <p>TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018. Inclui bibliografia Orientador: Maria Evany do Nascimento Coorientador: Meire Terezinha Silva Botelho de Oliveira</p> <p>1. Contação de histórias. 2. Desenvolvimento psicossocial. 3. Educação Infantil. I. Maria Evany do Nascimento (Orient.). II. Meire Terezinha Silva Botelho de Oliveira (Coorient.). III. Universidade do Estado do Amazonas. IV. A contação de histórias e sua contribuição para o desenvolvimento psicossocial da criança na Educação Infantil</p>
-------	---



GOVERNO DO ESTADO DO  
**AMAZONAS**

**SÂMEA VASQUES SIQUEIRA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO  
PSICOSSOCIAL DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovação em: 03 de dezembro de 2018

Banca Examinadora:

Maria Evelyn do Nascimento  
Orientador(a)

[Assinatura]  
Membro da Banca

[Assinatura]  
Membro da Banca

**UEA**  
UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DO  
AMAZONAS

Escola Normal Superior  
Av. Djalma Batista, Nº 2470, Chapada  
CEP: 69050-010 / Manaus-AM  
www.uea.edu.br

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, por ter me dado força e discernimento em minha trajetória acadêmica, dedico também ao meu pai Pedro, e a minha mãe Samara, assim como a toda minha família e amigos que me apoiaram.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido chegar até aqui, por toda sabedoria e força que ele me deu em todos os momentos de minha trajetória acadêmica. Agradeço a minha família, em especial aos meus pais, por terem contribuído para a minha formação, ajudando diretamente neste processo com muito amor e paciência, sempre acreditando e torcendo por mim.

Gostaria de agradecer também aos meus amigos, em especial a minha amiga Hanna Albuquerque, que esteve presente ao meu lado, não somente como colega de turma, mas como “colega de vida”, que diante de todas as dificuldades e obstáculos que vivi durante minha trajetória acadêmica, me apoiou de forma significativa me motivando a seguir em frente. Também agradeço ao meu namorado Daniel, que foi um apoio importante nessa reta final, ajudando-me com conselhos e palavras de conforto, sempre acreditando no meu potencial.

Agradeço também a Ana e a Thais por desde o início da faculdade estarem ao meu lado, fazendo parte dos trabalhos em grupo e compartilhando conhecimento, inclusive no que se refere ao meu tema, pois pude contar com o apoio delas.

Por fim, agradeço a todos aqueles que foram meus professores do curso de Pedagogia da UEA, pois estes foram imprescindíveis para a minha formação profissional, sendo meus maiores exemplos, sempre empenhados em compartilhar seus conhecimentos, incentivando-nos, garantindo aprendizagens significativas não somente para a carreira de docente, mas para a vida. Estes contribuíram para que eu chegasse ao final desse ciclo de maneira satisfatória. Agradeço em especial a minha professora orientadora, Maria Evany do Nascimento, por toda dedicação e atenção que teve comigo e por todo conhecimento que foi compartilhado ao longo do processo de construção deste trabalho.

*“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.”*

*(John Dewey)*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender quais as contribuições do ato de contar histórias para o desenvolvimento psicossocial da criança, e mais especificamente tem como intuito apresentar o processo de desenvolvimento psicossocial da criança por meio da contação de histórias, considerando referencial teórico pertinente; descrevendo recursos e estratégias metodológicas apropriados para o ato de contar histórias, destacando as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado; e discutindo as contribuições do ato de contar histórias para o desenvolvimento psicossocial da criança na Educação Infantil. A metodologia utilizada na pesquisa foi bibliográfica e fenomenológica, recorrendo-se também à abordagem de natureza qualitativa. Os instrumentos de coleta de dados foram a observação participante, registros do caderno de campo utilizado nas atividades do plano de ação pedagógico e Estágio Supervisionado I. Além disso, utilizou-se a entrevista não diretiva com a professora do Pré-escolar I da Educação Infantil. Os sujeitos da pesquisa foram a professora regente e as crianças de sua turma, com observações e práticas com contação de histórias nos anos de 2016 e 2017. A pesquisa foi realizada na Zona Centro-Sul da cidade de Manaus-Amazonas, em um CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil). Como resultado das interpretações identificou-se o quanto os recursos e intenções utilizados na contação podem contribuir para a interação social das crianças, assim como para o seu desenvolvimento emocional e cognitivo. Evidenciou-se a necessidade de contação de histórias com a utilização de recursos que contribuem para o desenvolvimento psicossocial da criança, levando em consideração sua faixa etária e especificidades, bem como o empenho do professor em vista desta prática. A pesquisa pretende contribuir para os estudos dos profissionais atuantes na Educação Infantil da rede pública de ensino, bem como para comunidade acadêmica na área da educação e demais interessados sobre o tema.

**Palavras-chave:** Contação de histórias; Desenvolvimento Psicossocial; Educação Infantil.



## ABSTRACT

The purpose of this research is to understand the contributions of storytelling to the psychosocial development of the child and, more specifically, to present the child's psychosocial development process by means of storytelling, considering the pertinent theoretical framework; describe appropriate methodological resources and strategies for storytelling, highlighting the experiences of the Supervised Internship; and discuss the contributions of storytelling to the child's psychosocial development in Early Childhood Education. The methodology used in the research was bibliographical and phenomenological, also using a qualitative approach. The data collection instruments were the participant observation, records of the field book used in the activities of the pedagogical action plan and Supervised Stage I. In addition, the non-directive interview was used with the pre-school teacher I in Early Childhood Education. The research subjects were the regent teacher and the children of her class, with observations and practices with storytelling in the years 2016 and 2017. The research was conducted in the Center-South Zone of the city of Manaus-Amazonas, in a CMEI (Municipal Center for Early Childhood Education). As a result of the interpretations, it was identified how much the resources and intentions used in the counting can contribute to the social interaction of the children, as well as to their emotional and cognitive development. It was evidenced the need for storytelling with the use of resources that contribute to the psychosocial development of the child, taking into account their age group and specificities, as well as the commitment of the teacher in view of this practice. The research aims to contribute to the studies of professionals working in the Early Childhood Education of the public school, as well as to the academic community in the area of education and other stakeholders on the subject.

**Keywords:** Storytelling; Psychosocial Development; Child education.

## **LISTA DE SIGLAS**

CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PPP – Projeto Político Pedagógico

PARFOR – Formação de Professores da Educação Básica de Ensino

PESC – Programa de Ensino Sistematizado das Ciências

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

DCN Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Momento de interação com as crianças .....	60
Imagem 2 – Momento da contação da história: “A galinha azul” .....	61
Imagem 3 – Reações das crianças durante a contação da história .....	64
Imagem 4 – Início da contação da história: “Confusão na cidade dos números” .....	70
Imagem 5 – Recursos utilizados para a contação da história .....	72
Imagem 6 – Momento da contação da história: “Confusão na cidade dos números” .....	73

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1 – A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, A CRIANÇA E O DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL</b> .....	15
1.1 A Contação de Histórias: Características Gerais .....	15
1.1.1 A Contação de Histórias e a Dimensão Pedagógica .....	18
1.1.2 A Contação de Histórias e a Dimensão Psicossocial .....	22
1.2 A Criança e a Contação de Histórias .....	26
1.2.1 A Criança da Educação Infantil .....	27
1.2.2 O que significa contar histórias para essas crianças .....	33
1.2.3 Como Contar Histórias para essas Crianças .....	37
<b>CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	42
2.1 Caracterização da Pesquisa .....	42
a) Natureza da Pesquisa .....	42
b) Método .....	43
c) Fonte de dados .....	45
d) O Lócus da Pesquisa (Caracterização da Escola) .....	45
e) Os Sujeitos da Pesquisa (Os alunos, professores) .....	48
2.2 As técnicas de pesquisa .....	50
a) Observação participante .....	50
b) Entrevista não diretiva .....	51
c) Caderno de campo .....	52
2.3 A Pesquisa de Campo .....	53
2.3.1 Observações da pesquisa de campo no Estágio Supervisionado I no ano de 2017 .....	53
2.3.2 Recursos do Professor .....	56
<b>CAPÍTULO 3 – AS CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DA CRIANÇA</b> .....	58
3.1 Primeira experiência com Contação de Histórias: “A galinha azul” (2016) .....	58
3.2 Segunda experiência com Contação de histórias: “Confusão na cidade dos números” (2017) .....	67
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	73
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	76

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui como tema “A contação de histórias e sua contribuição para o desenvolvimento psicossocial da criança na educação infantil”. Esta pesquisa foi elaborada primeiramente por meio da motivação dos estudos nas disciplinas acadêmicas de Pensamento e Linguagem da criança, Estágio Supervisionado I e Pesquisa e Prática Pedagógica, bem como, observações de campo que despertaram o interesse sobre o tema, provocando inquietações que proporcionaram a pesquisa.

Diante das tecnologias existentes, a oralidade foi perdendo espaço e sendo substituída, e as histórias que antes eram repassadas de geração em geração foram caindo em desuso, e isto, afeta diretamente o processo de desenvolvimento das crianças. O interesse pela pesquisa quanto ao assunto surgiu na observação de campo em um CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil), pois foi percebido que a contação de histórias não é realizada com frequência, e quando ocorre, desenvolve-se de modo pouco atrativo, surgindo a necessidade de aprofundamento sobre o tema.

Algumas contribuições podem ser visualizadas com este processo como a ampliação das discussões sobre essa problemática e, conseqüentemente, compreensão sobre o tema, favorecendo a literatura educacional como referência para a prática escolar e conhecimentos acadêmicos. Além de favorecer a sociedade, pois o estudo sobre o tema promoverá o desenvolvimento da criatividade, senso crítico, oralidade, desinibição e o gosto pela leitura por meio da contação de histórias, buscando trabalhar histórias que transmitirão valores e facilitarão o processo de aprendizagem de maneira lúdica.

Nesta perspectiva, a pesquisa partiu do objetivo geral em compreender quais as contribuições do ato de contar histórias para o desenvolvimento psicossocial da criança na educação infantil. Para isso, buscou-se como objetivos específicos, inicialmente, apresentar o processo de desenvolvimento psicossocial da criança por meio da contação de história, considerando referencial teórico pertinente. Em seguida, descrever recursos e estratégias metodológicas apropriados para o ato de contar histórias, destacando as experiências vivenciadas no Estágio. E, por fim,

discutir as contribuições do ato de contar histórias para o desenvolvimento psicossocial da criança na Educação Infantil.

Para uma análise específica, esta pesquisa possuiu uma abordagem de natureza qualitativa, pois objetivou estabelecer o significado dos fenômenos por meio da realidade social e permitiu relação dinâmica entre o mundo objetivo, abrangendo o contexto escolar; e a subjetividade do sujeito, abrangendo as experiências vividas com os sujeitos desse contexto, permitindo falas, sentimentos, comportamentos e perspectivas que não podem ser representadas por meio de números.

A pesquisa foi descritiva, pois descreveu as observações e ações dos sujeitos, e teve como método a fenomenologia. Este método abrangeu as questões relacionadas ao “mundo vivido”, pelos sujeitos da pesquisa, levando em consideração suas compreensões do conhecimento e experiências, buscando o reconhecimento da essência deste objeto.

Para desenvolver esta pesquisa utilizou-se como fonte de dados o caderno de campo e a pesquisa bibliográfica. Com o auxílio de caderno de campo foi possível registrar acontecimentos, falas e experiências importantes para fomentar a pesquisa, e por meio das fontes bibliográficas, explanou-se o tema à luz dos teóricos, atrelando teoria e prática.

Com a necessidade de coletar dados para a pesquisa e adquirir informações que complementassem as teorias, a pesquisa desenvolveu-se em um CMEI, localizado na Zona Centro-Sul da cidade de Manaus, no bairro Parque Dez de Novembro, com os alunos e professora do Pré-escolar I, nos anos de 2016 e 2017.

Para a coleta de dados no campo da Educação Infantil, foram utilizadas as seguintes técnicas de pesquisa, dividida em três fases: observação participante por meio das observações da rotina de sala de aula e experiências práticas; entrevista não diretiva com a professora para obter informações sobre suas perspectivas; e o caderno de campo para as anotações das ações e falas dos sujeitos, bem como de minhas reflexões sobre a realidade vivenciada.

A metodologia adotada na pesquisa permitiu obter dados e informações para a construção dos capítulos deste trabalho, assim o primeiro capítulo abrange conceitos à luz das teorias da Revista Barbante (2012), Abramovich (1989), Dohme

(2010), Piletti (2008), Piaget (2006), Vygotsky (2001), Seber (1995), dentre outros autores, bem como, o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil), sobre as características gerais da contação de histórias e sua dimensão pedagógica e psicossocial. Em seguida aborda a criança da educação infantil, explanando suas especificidades e aspectos de seu desenvolvimento, bem como o que significa e como contar histórias para essas crianças.

O segundo capítulo descreve os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa, bem como as observações anotações provenientes da pesquisa de campo no Estágio Supervisionado I, no ano de 2017. Apresentam-se também os recursos utilizados pela professora regente na contação de histórias.

O terceiro capítulo trata da análise das experiências práticas obtidas em campo com a contação das histórias “A galinha azul”, realizada no ano de 2016, e “Confusão na cidade dos números” de 2017, em que foram expostas falas e ações dos sujeitos da pesquisa, sendo explanadas à luz dos teóricos: Piaget (2006), Vygotsky (2001), Piletti (2008), Seber (1995), Revista Barbante (2012), Dohme (2010) e RCNEI (1998). A análise realizada no terceiro capítulo permitiu verificar as contribuições da contação de história para o desenvolvimento psicossocial da criança, como fator essencial para a interação social da criança e conseqüentemente internalização de valores importantes para o convívio social.

## **CAPÍTULO 1 – A Contação de Histórias, a Criança e o Desenvolvimento Psicossocial**

### **1.1 A Contação de Histórias: Características Gerais**

A contação de histórias é uma tradição que existe desde a antiguidade e se tem notícias sobre desde a pré-história, o homem ainda utilizava a parede das cavernas como forma de expressar-se, para que assim, mais tarde, pudesse se comunicar. Era também praticada pelos povos, que antes mesmo da escrita já utilizavam a oralidade<sup>1</sup> como meio de transmitir seus conhecimentos e histórias, sendo repassadas de geração em geração.

Por meio dessa literatura, que pode ser colocada em prática tanto pela leitura quanto pela oralidade, é que são construídos os elementos da cultura de cada povo, sendo explanados seus costumes, tradições, saberes populares, crenças, dentre outros aspectos. É importante contar às crianças sobre os tempos antigos, características destes, invenções, mudanças no decorrer do tempo, e avanços. Esta prática além de encantar pessoas de todas as faixas etárias é fonte de conhecimento e cultura.

De acordo com a Revista Barbante (2012, p. 59):

Contar é para encantar. É preciso mantermos os costumes, as tradições, a sabedoria popular, enfim o folclore dos mais diferentes povos através da contação de histórias. Contar histórias é manter vivo um passado longínquo. É lembrar da criança que antigamente não tinha energia elétrica, mas a lamparina de querosene. É lembrar da criança que hoje tem internet e robôs para brincar. É amar imensamente a vida, as crianças e a voz.

A Revista Barbante (2012) afirma a importância dessa prática não somente como forma de manter vivo os costumes, valores e tradições, que perpetuam os conhecimentos que compõem as vivências atuais, mas também manter viva a própria história, mostrando as conquistas, fatos e descobrimentos do passado que colaboraram para o nosso presente.

---

<sup>1</sup> Transmissão oral dos conhecimentos adquiridos ou armazenados na memória humana.



Desde os tempos antigos os Griots, povo de origem africana, portadores de cultura e conhecimentos tinham como tradição contar histórias em forma de poemas e canções principalmente as que se referiam aos grandes líderes e à formação dos reinos, mas também às pessoas comuns. Preservando e transmitindo histórias há séculos, tinham a função social de transmitir conhecimento, cultura, construindo valores, costumes, princípios e feitos que eram transmitidos de geração em geração. A valorização da construção de saberes por meio da tradição oral com o passar do tempo foi sendo adaptada, de acordo com as inovações contemporâneas, mas sem perder sua essência.

De acordo com Gomes e Moraes (2012, pp. 64 – 65):

Vale um registro de que o contador de histórias da tradição, como os griôs, possuía um papel social ora mais reservado, ora mais sagrado, confundindo-se sua figura com a de “proclamador” de verdades e, portanto, com força para pronunciar moralidades, costumes, princípios, porta-voz de memórias e ideologias, mesmo em comunidades que já não eram ágrafas. Contemporaneamente, tais funções se alteraram perante os novos suportes para a escrita surgidos com Gutemberg e que ainda não se esgotaram. Nem por isso a oralidade deve ser apagada ou os contadores considerados inimigos públicos da alfabetização.

Segundo Gomes e Moraes (2012, p. 60) nas décadas passadas a contação de histórias era marcada pelas experiências da infância, e nesse aspecto ficaram conhecidos e registrados os melhores autores. As histórias pertencentes aos estratos socioculturais e geracionais das famílias mais numerosas em cidades, sendo verídicas ou não, logo transformaram-se em notícias do lugar. Mas também eram utilizadas como tarefa materna para embalar as crianças, ou podiam ser contadas as histórias de aventureiros, pescadores, marinheiros, dentre outras.

Desde a antiguidade a contação de histórias age como um arte que até os dias atuais apresentam-se com mais necessidade, a grande quantidade de informações que bombardeiam a criança, o uso das tecnologias, os conflitos psicológicos vividos por elas, bem como o aumento da violência nas cidades, dentre outros fatores que acabam tendo um peso sobre a realidade dessas crianças, e as histórias podem contribuir para que todo esse apanhado de problemas sejam aliviados, ressignificados, modificando sua realidade, criando novas e melhores perspectivas sobre a vida.

Segundo a Revista Barbante (2012, p. 70):

A contação de histórias é uma arte da Antiguidade que chega aos dias atuais com muito mais força e necessidade. Os constantes conflitos existenciais das crianças, os problemas que lhes são postos a prova tão cedo, a violência dos grandes centros urbanos enfim toda essa gama de problemas que pensamos ser só dos adultos também preenchem o mundo delas, por isso ouvir histórias modifica a realidade dura e traz encanto e magia para a possibilidade de um mundo melhor

Segundo Nascimento e Oliveira (2017) as histórias antigamente eram contadas por meio da oralidade ou gravadas em manuscritos, mas eram restritas e inacessível ao público infantil, somente na década de 1430, no século XV, o alemão Johannes Gutenberg, inventou a máquina de impressão tipográfica que permitiu a popularização dos textos, facilitando a impressão com tipos móveis, que antes eram reproduzidas manualmente. Esta foi considerada uma revolução no que se refere a produção dos livros, marcando o surgimento da imprensa, a partir disso surgem os primeiros livros com compilações de histórias, baseadas na oralidade.

A partir do século XVI, com a popularização dos livros, houve a criação de obras específicas para o público infantil, mas eram restritas ao universo da corte. Ao final do século XVII, Charles Perrault dedicava seus contos à filha do Rei Luís XIV, da França. A partir disso, inicia-se o “programa pedagógico”, que tinha como função agradar e instruir, principalmente com os contos que passaram a ser classificados como “conto de fadas”. A partir daí vão surgindo outras compilações, até chegar ao que temos no século XX como literatura infantil.

Portanto, percebe-se a importância da contação de histórias em todo o seu processo histórico, social e cultural, apresentando-se como forma de adquirir e difundir conhecimentos, valores, identidade, modificando-se conforme as questões de cada época, mas também sendo conservada desde os tempos antigos com histórias que são passadas de geração em geração. Desde os tempos mais remotos, o ato de contar histórias, além de fazer parte de uma tradição oral, contribui para os saberes e transmissão de cultura, abrangendo as transformações no tempo, avanços, histórias características de um povo, costumes, tradições. Além disso, por meio deste ato, pode-se explorar os valores sociais, conhecimentos, dentre outros

aspectos que podem ser trabalhados de forma significativa tanto no âmbito pessoal quanto escolar.

### **1.1.1 A Contação de Histórias e a Dimensão Pedagógica**

Visto que a contação de histórias durante seu processo histórico propagou contribuições significativas para a sociedade, sendo utilizada para a transmissão de cultura, conhecimentos e valores, dentre outras finalidades, percebe-se sua importância como conteúdo programático.

A contação de histórias é um recurso didático importante para auxiliar o professor em seu trabalho pedagógico, permitindo-lhe usar conforme as necessidades de seus alunos forem sendo identificadas, colaborando para um desenvolvimento significativo. “De acordo com nossa tese, as histórias, além de encantarem e divertirem, são uma importante ferramenta educacional, de forma que faz parte do estudo de cada uma delas detectar em que pontos ela contribuirá com o desenvolvimento de seus ouvintes” (DOHME, 2010, p. 22). Cabe ao professor media este processo, planejar de modo que proporcione aspectos positivos para seus alunos, e manter cautela sobre os fatores concernentes ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

O primeiro contato da criança com uma história é feito de forma oral, sendo seus familiares os primeiros contadores. Seja uma história pessoal, ou uma fábula, as crianças já estão vivenciando este processo, sendo ouvinte. Assim, antes mesmo de adentrar na escola, as crianças já têm uma noção e perspectiva sobre as histórias. Porém, é na escola que isso será aprofundado e melhor trabalhado, com técnicas e recursos aperfeiçoados.

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais. ABRAMOVICH (p. 16, 1997).

A contação de histórias colabora para a representação do mundo imaginário e linguagem da criança, permitindo que ela seja capaz de percorrer pelos mais diversos cenários, construindo valores sociais. As histórias possibilitam que a

crianças possam perpassar pelas diversas realidades expostas, abrangendo as diversas áreas do conhecimento. E a compreensão destas realidades acaba contribuindo para a formação social, cognitiva e psicológica das crianças. Sendo assim, torna-se um recurso pedagógico importante para trabalhar não somente os mais diversos conteúdos, mas principalmente a formação social e emocional.

Conforme a Revista Barbante (2012, p. 8):

Através do universo da ficção, do jogo do faz de conta, o leitor/ouvinte se apresenta e se representa no mundo imaginário, na e pela linguagem subjetiva. Nesse jogo simbólico, ele reconstrói representações sociais que muito contribuem na formação social da mente e nas relações interpessoais, quer seja através da oralidade, quer seja através da escrita e do fazer artístico. É pertinente lembrar que a literatura, assim como a arte, possibilita um olhar macro sobre as realidades e ficções dos protagonistas de forma que, através delas, podemos visitar as demais áreas do conhecimento.

A contação de histórias é aliada ao desenvolvimento de uma autonomia intelectual, contribuindo para a formação de leitores e escritores capazes de exercer um pensamento e atitude crítica e reflexiva, seja em suas relações sociais ou pessoais, preparando a criança para a vida, para o exercício da cidadania. Entretanto, para que ocorra uma aprendizagem capaz de garantir este desenvolvimento, devem ser utilizados elementos que abranjam um viés artístico, cultural e literário fundamentado na socialização e transformação social (Revista Barbante, 2012).

Há uma diversidade de narrativas que podem ser utilizadas na contação, de diferentes gêneros e utilidades, mas tendo algo em comum que é o “Cativar” a criança, encantando e envolvendo elas nesse mundo de magia e aventuras, proporcionando também aprendizados significativos. Entretanto, este processo também fica dependente do professor contador de histórias, que deve conhecer bem o texto ou história escolhida antes do ato da contação, para que possa ocorrer os resultados esperados, havendo uma preparação e comprometimento. O professor deve ter cautela ao selecionar as histórias que serão contadas, devido as variedades de opções de narrativas e obras da literatura infantil, preocupando-se com a adequação temáticas ao processo cognitivo da criança.

Segundo a Revista Barbante (2012, p. 61):

As histórias se dividem em vários tipos de narrativas: lendas, mitos, contos de fadas, fábulas, histórias realistas e etc. Todas essas narrativas encantam aos pequeninos se bem trabalhadas na hora da contação. Uma história antes de ser contada deve ser conhecida no seu todo pelo contador. Vale salientar que o número de autores infantis no mundo inteiro tem crescido assustadoramente. A nossa preocupação maior é na seleção das histórias, pois há muitas que nada dizem, outras que não auxiliam o desenvolvimento das virtudes nas crianças e ainda há aquelas que transmitem mensagens negativas com expressões e chavões inadequados. Seja qual for o tipo de narrativa escolhido, quem vai despertar a fantasia no imaginário das crianças é o contador de histórias.

A seleção de livros e recursos deve ser pensada de acordo com objetivo do professor e temática que ele pretende abordar, é importante também pensar em uma contação de histórias feita não somente para as crianças, mas com as crianças, de modo que elas possam participar integralmente desse processo, produzindo suas próprias histórias e compartilhando saberes.

As práticas pedagógicas que compõem a Proposta Curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira e que garantam experiências que segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010, p. 25):

Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical; possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos;

Os cuidados relacionados à execução desta prática abrangem não somente a seleção dos livros e temáticas, mas também a organização do espaço físico, iluminação, dentre outros elementos que permitam com que a criança se sinta confortável.

Diante disso, percebe-se a importância da contação de histórias como recurso pedagógico no processo de aprendizagem da criança, evidenciando-se também a participação do professor contador de histórias, pois seu trabalho dependendo de como for executado pode trazer aspectos positivos ou negativos para o

desenvolvimento da criança principalmente no que se refere aos aspectos sociais, emocionais e cognitivos.

A contação de histórias, além de servir como uma importante ferramenta pedagógica, auxilia o desenvolvimento psicossocial da criança, influenciando em seu aspecto social, emocional e cognitivo. É também uma atividade lúdica e educativa que pode ser utilizada para a construção de valores, cultura, informar e formar cidadãos mais críticos e reflexivos. Segundo Gomes e Moraes (2012, p. 23), “a arte de contar histórias é também uma arte da memória. Não é difícil perceber que a memória é sempre o reencontro com a tradição. Tradição social efetuada pelo exercício social da oralidade que reaviva e atualiza a memória social”.

É importante elucidar o caráter psicossocial da contação de histórias, para tanto temos a cultura indígena como forte representação, pois as sociedades indígenas utilizam sua oralidade como forma de repassar seus conhecimentos, valores, cultura, costumes mantendo vivas suas memórias e preservando suas tradições. Através dos séculos por meio de suas histórias míticas, lendárias, falando sobre seus ancestrais, histórias estas que foram construindo suas identidades, sendo marcadas por significados e sentidos sendo repassadas de geração em geração. Em suas narrativas orais, sua tradição é valorizada, além de transmitirem saberes e valores que marcam o cotidiano coletivo do grupo, é marcada pela forma como o contador narra, de modo que se sente que o mesmo vivenciou tudo aquilo, tendo muita força em suas palavras e entonação. As histórias também os aproximam e servem como forma de educar para a vida

Daniel Munduruku<sup>2</sup> (2009), professor e escritor brasileiro de origem indígena, afirma em uma entrevista que cresceu ouvindo histórias que iam desde a criação do mundo na ótica do seu povo, até histórias de assustar, que os amigos, irmãos mais velhos contavam. Segundo ele o grande livro entre os indígenas é a própria natureza, e a sociedade de acordo como ela é organizada.

Segundo Munduruku (2009):

---

<sup>2</sup> Daniel Munduruku- Callis Editora - Literatura infantil (2009) - Disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=aEdGxYVXXFE>

Contar história é fundamental para a gente crescer equilibrado, a gente vive muito desequilibrado, as crianças estão sempre muito desequilibradas porque elas vivem em função de coisas, de coisas que contam histórias até para elas, mas que não são histórias delas e isso faz com que elas percam um pouco o referencial.

Munduruku (2009) escreveu as histórias para que as crianças pudessem se espelhar e construir a própria história para que isso reforce sua identidade. Salientando a ideia do quanto as histórias podem além de transmitir valores, conhecimento, suscitar o imaginário e, principalmente, educar para a vida, auxiliando no desenvolvimento da mesma. Em um mundo onde as tecnologias e a violência acabam racionalizando a realidade e deturpando a ludicidade presente na infância, a contação de histórias é um recurso essencial para proporcionar às crianças uma realidade mais mágica.

Para Munduruku (2009), o ocidente é tão racional que não permite que as crianças desenvolvam a sua mágica interior. As explicações sobre as histórias são sempre muito racionais, chapadinhas como a explicação do curupira, do saci, e a literatura indígena permite que a criança veja, por exemplo, que os índios podem fazer chover, que conversam com os espíritos da floresta, que chamam de avô para o rio, que consideram os pássaros como primos que voam e trazem notícias para eles, Munduruku vai procurando colocá-los no contexto, dizendo como isso funciona e onde isso existe.

Munduruku (2009), em uma entrevista em um vídeo intitulado “Literatura Infantil” cita que “nos tempos atuais os educadores têm que aprender todos os dias algo novo, para que as crianças sintam entusiasmo por ele, para oferecer às crianças outras possibilidades”. Portanto, ele afirma que as histórias contribuem para a transmissão de cultura, agregando conhecimento, mas percebe-se a necessidade de abranger a importância do professor nesse processo, fazendo-se necessário o conhecimento sobre o desenvolvimento da criança.

### **1.1.2 A Contação de Histórias e a Dimensão Psicossocial**

Com o intuito de entender o que é o desenvolvimento psicossocial e sua influência com relação à contação de histórias, serão abordados aspectos e teorias para elucidar este processo.

Segundo as teorias de Vygotsky (2006) os aspectos que envolvem o desenvolvimento infantil apresentam-se durante o crescimento da criança, onde há uma constante interação entre crianças e adultos, sendo estes seus mediadores. No decorrer do tempo essa mediação acaba marcando internamente os aspectos psicológicos da criança, em que tudo aquilo que foi aprendido socialmente acaba sendo internalizado pela criança, tornando-se sua natureza psicológica. As respostas dadas pelas crianças, primeiramente como um processo natural, proporcionados por sua herança biológica, vão ao longo de seu desenvolvimento com a mediação dos adultos sendo remodeladas. Os adultos são agentes mediadores deste processo por meio de sua interação com as crianças fazendo esse intercâmbio entre elas e o mundo.

Mas à medida que as crianças crescem, os processos que eram inicialmente partilhados com os adultos acabam por ser executados dentro das próprias crianças. Isto é, as respostas mediadoras ao mundo transformam-se em um processo interpsíquico. É através desta interiorização dos meios de operação das informações, meios estes historicamente determinados e culturalmente organizados, que a natureza social das pessoas tornou-se igualmente sua natureza psicológica (VIGOTSKY, 2006, p. 27).

O mesmo acontece com o desenvolvimento psicossocial da criança por meio da contação de histórias, tudo o que é aprendido por ela, mediado pelo professor, é internalizado e contribui para as respostas que elas darão ao mundo. Com relação a teoria de Vygotsky (2006), a criança por meio de seu pensamento e linguagem dispõe de ferramentas capazes de auxiliá-la desde tarefas simples às mais complexas, utilizando principalmente a linguagem para se comunicar, e conseqüentemente alcançar seus objetivos. Com a contação de histórias esse pensamento e linguagem são desenvolvidos, colaborando para o crescimento da criança, tanto cognitivo quanto social e emocional, já que sua interação é constantemente estimulada.

Segundo Piletti (2008), o desenvolvimento da criança divide-se em certos tipos de maturidade, sendo os principais: intelectual, social e emocional. Estes tipos de maturidade são interdependentes, necessitando de um desenvolvimento simultâneo. E apesar da importância do desenvolvimento cognitivo, relacionado a



aprendizagem dos conteúdos escolares, o desenvolvimento psicossocial é fundamental para a formação da criança, principalmente no que concerne aos aspectos sociais, morais, físicos e emocionais.

Segundo Piletti (2008, p.182):

Estão enganados os que pensam que a escola é responsável apenas pelo desenvolvimento da maturidade intelectual, pelo desenvolvimento da compreensão das matérias escolares. A aprendizagem está ligada ao desenvolvimento físico, social e emocional. Dessa forma, a escola precisa dar atenção também aos aspectos sociais, emocionais e físicos do desenvolvimento e não apenas aos aspectos intelectuais, relacionados ao conhecimento das matérias escolares.

O desenvolvimento está ligado a tipos de maturidade, que podem ser de caráter intelectual, social e emocional. Conforme afirma Piletti (2008), a maturidade intelectual, que está ligada ao desenvolvimento da inteligência, faz parte do conhecimento que a pessoa tem tanto de si quanto sobre o mundo que a rodeia. À medida que a criança vai crescendo, desenvolvendo-se e adquirindo conhecimento, conseqüentemente expande-se, abrangendo todos a sua volta, sejam familiares, colegas, professores até alcançar um ponto alto que é a compreensão sobre a humanidade e suas questões, conhecendo também o tempo e tendo noção sobre o passado, conhecendo-o e habituando-se à ideia de futuro.

Para Piletti (2008), no que se refere à maturidade social, ocorre um movimento comparado ao intelectual, na medida em que a criança passa de uma natureza egocêntrica, onde só o que importa é o seu próprio eu, e abrange o conhecimento dos outros ao seu redor, fazendo com que estabeleça relações. A criança que antes brincava sozinha e brigava com os outros colegas de turma por brinquedos, irá ao longo de seu desenvolvimento aprendendo a compartilhar e brincar com os outros, aceitando a si mesma e os demais, além de aprender sobre as regras e valores. Assim, ao longo de seu crescimento, se bem estimulada, desenvolverá noções de respeito mútuo e seu interesse por atividades sociais será crescente.

No que concerne à maturidade emocional, esta envolve o desenvolvimento dos sentimentos básicos de amor, ódio, medo, prazer, raiva, desprazer, afeição e outros. Por meio desta maturidade a criança vai aprendendo a reconhecer e a lidar

com suas emoções, tornando-se possível a aceitação de si e do outro também, de forma que a criança possa aprender a se aceitar. Existem diversos estímulos que são capazes de provocar as emoções.

Com o desenvolvimento, a pessoa vai aprendendo a reconhecer suas emoções, aceitá-las, e não deixar que elas prejudiquem outras pessoas, sabendo respeitar os diferentes pontos de vista. Os estímulos que provocam emoções são cada vez mais numerosos e variados (PILETTI, 2008).

Diante dos tipos de maturação, percebe-se a necessidade da compreensão deste processo de forma integral, principalmente no que se refere ao papel do professor contador de histórias, de modo que possa objetivar o desenvolvimento de todos os aspectos a fim de abranger este processo como um todo, de maneira indissociável, pois todos são interdependentes e imprescindíveis para a formação da criança até a sua fase adulta.

Conforme PILETTI (2008, p. 204):

O desenvolvimento é complexo e todos os seus aspectos são inter-relacionados. O ser humano desenvolve-se como um todo. Não se podem separar seus aspectos- físico, intelectual, emocional, social-, a não ser para fins de estudo. Já foi acentuado que não há possibilidade de alguém desenvolver-se apenas intelectualmente, por exemplo, pois para que haja desenvolvimento intelectual é preciso que haja também desenvolvimento físico, emocional e social.

Segundo Piletti (2008), Piaget entende o desenvolvimento como a busca de um equilíbrio superior, como um processo de equilibração constante. Nesse processo, vão surgindo novas estruturas, novas formas de conhecimento, mas as funções do desenvolvimento permanecem as mesmas. O desenvolvimento humano acontece em um processo em que da criança ao adulto mudam as formas de conhecimento do mundo, mas as funções permanecem estáticas de modo que o ser humano necessita adaptar-se às novas situações presentes no mundo que o rodeia, ou até mesmo para satisfazer uma necessidade ou superar algo, ou seja, o ser humano desenvolve-se para adaptar-se.

A adaptação compreende dois processos básicos: a assimilação e a acomodação. Pela assimilação incorporamos o mundo exterior, pessoas e coisas, às estruturas que já temos; pela acomodação reajustamos nossas estruturas- ou criamos novas- de acordo com as exigências do mundo exterior (PILETTI, 2008, p. 209).

As interações sociais que são estabelecidas permitem a criação de expectativas, atitudes, diferentes modos de comunicação entre os indivíduos, regras de pensamento, além de um conjunto de valores culturais transmitidos de geração para geração. E, ao adentrar a escola, a criança vai gradativamente ampliando os aspectos psicossociais, assim então novas aprendizagens vão sendo construídas (SEBER, 1995). A integração da criança na sociedade e na cultura vão sendo permitidas paulatinamente por meio de suas interações sociais, de modo que permite com que ela se desenvolva, adquirindo experiências que aprimoram seu pensamento.

As colaborações evoluem muito lentamente à medida que a criança aprende a colocar o que faz ou diz em relação àquilo que outrem faz ou diz. As trocas começam no plano do dividir brincadeiras, músicas, jogos, ouvir histórias, para, em seguida, atingir o plano do pensamento. É na interação com o outro que cada criança pode compreender o que lhe pertence e o que pertence a outrem como pólos distintos e complementares dos relacionamentos sociais (SEBER, 1995, p.263).

Portanto, reforça-se a compreensão do professor e sua ação por meio da contação de histórias sobre os aspectos concernentes ao desenvolvimento psicossocial da criança. De modo que esse ato possa visar à evolução da criança, respeitando suas limitações, fases e especificidades, o professor precisa integrar esta criança ao meio social, e mediar as relações existentes em sala de aula, criando possibilidades para que o aluno tenha conhecimento de si e do mundo. Para isso, a afetividade é um fator importante, sem precisar impor algo, o professor precisa trabalhar em conjunto com os alunos.

## **1.2 A Criança e a Contação de Histórias**

Visto a importância da contação de histórias e do desenvolvimento psicossocial da criança, é imprescindível abordar os aspectos relacionados à criança

da educação infantil que é protagonista deste processo. Para tanto, faz-se necessário abordar, à luz das teorias de Piletti, Piaget, Vygotsky, Seber e Erikson, sua faixa etária, especificidades, características de seu desenvolvimento, comportamentos e como a mesma socializa, explanando assim, sua relação com a contação de histórias.

### **1.2.1 A Criança da Educação Infantil**

Previamente, é importante ressaltar que o foco da pesquisa está nas crianças da educação infantil, mais especificamente, as que estão na idade do pré-escolar I. Em sua maioria, nesse período estão na faixa etária de 4 a 5 anos de idade e possuem suas particularidades que são marcadas pelo desenvolvimento de seu pensamento, linguagem, brincadeiras, percepção sobre o mundo em que vive, construção de sentimentos, que são constituídos de acordo com suas interações sociais. Ao longo de seu crescimento a criança passa por etapas que vão desde o nascimento, até a fase citada.

De acordo com Piletti (2008), ao nascer, a criança não é isenta de tendências inatas para amar, odiar, sentir medo, raiva ou querer relacionar-se ou afastar-se das pessoas, tudo isso somente vai sendo determinado após as experiências da criança, estas vão definir durante os primeiros anos de vida, o tipo de comportamento e relacionamento que será estabelecido no decorrer de suas relações, ao longo da vida. Ou seja, para Piletti (2008, p. 218) “o ponto de partida do desenvolvimento das atitudes positivas ou negativas, diante dos outros, é a interação que se estabelece entre a criança e a mãe, ou a pessoa adulta que toma conta dela, durante o primeiro ano de vida”.

No que se refere ao aspecto intelectual, em consonância com o social, Piaget (apud Piletti, 2008, p. 209), aborda a importância do desenvolvimento mental e cognitivo e sua influência na forma como os sujeitos conhecem o mundo em que vivem e interagem entre si, estabelecendo relações nos mais diversos âmbitos, adquirindo conhecimentos. Na fase que vai dos 2 aos 7 anos de idade a criança, segundo Piaget, encontra-se no Período Pré-operacional que abrange o desenvolvimento da linguagem, com três consequências para a vida mental: a) socialização da ação, com trocas entre os indivíduos; b) desenvolvimento do

pensamento, a partir do pensamento verbal: finalismo (porquês), animismo e artificialismo; c) desenvolvimento da intuição. Tais aspectos marcam o comportamento e nível cognitivo da criança do pré-escolar, de forma que, apesar das características próprias de cada uma, há uma similaridade entre suas ações.

Para Piaget, a criança tem sua lógica marcada pelo egocentrismo, de modo que inicialmente este comportamento implica conflitos nas relações que a criança estabelece tanto no âmbito familiar quanto escolar, no que se refere a interação criança/criança este aspecto é preponderante. A criança desta fase não tem dimensão sobre seus sentimentos nem mesmo sobre o das outras pessoas, ainda necessita de conhecimento de si e do mundo que a cerca, trata-se de uma questão genética, a lógica da criança da educação infantil é guiada pelo pensamento egocêntrico, e este abrange as suas relações e explica suas incompreensão e dificuldades a respeito de seu convívio social.

De acordo com Piaget (apud VYGOTSKY, 2001, p. 48):

As experiências de Piaget mostram que a parte de longe mais importante das conversas das crianças em idade pré-escolar é constituída por falas egocêntricas. Chegou à conclusão de que 44 a 47 por cento do número total de conversas registadas em crianças com sete anos de idade era de natureza egocêntrica. Este número, diz ele, deve ser consideravelmente mais elevado no caso das crianças mais novas. Investigações posteriores com crianças de seis e sete anos de idade demonstraram que, nesta idade, nem o discurso social se encontra totalmente liberto de pensamentos egocêntricos.

Na evolução do pensamento, dos dois aos sete anos, Piaget (apud PILETTI, 2008) constata a existência de três etapas sucessivas: Pensamento egocêntrico, pensamento verbal e pensamento intuitivo. A criança evolui da pura incorporação ou assimilação até a adaptação aos outros e ao real. O pensamento egocêntrico das crianças surge por meio de suas necessidades momentâneas, transformando o real e as pessoas ao seu redor.

Ainda nessa fase, o jogo simbólico, que envolve o desenvolvimento da imaginação da criança e proporciona as brincadeiras de faz-de-conta, marca as relações que ela estabelece, bem como seu comportamento. O jogo da imaginação é dominante na educação infantil e permite com que a criança veja o mundo de uma forma mágica, ressignificando os acontecimentos e interações exercitando a sua

capacidade de pensar e desenvolvendo-se em seus aspectos, físico, cognitivo e emocional. Por meio do faz-de-conta, que é presente na contação de histórias, nas brincadeiras, a criança pode interpretar diferentes papéis, vivenciar situações lúdicas, e assim, compreender melhor as relações existentes em seu cotidiano.

Com a evolução do jogo de faz-de-conta, as crianças vão assumindo gradativamente diferentes papéis sociais. Elas agem como a mãe, segundos após como o pai, logo em seguida imitam os procedimentos de um amigo e assim por diante. A pertinência desses papéis é bem relativa. É como se elas pincelassem as diferentes personagens assumidas, pois não mantêm um só papel no decorrer da atividade. Bem lentamente, vão compreendendo as múltiplas relações existentes entre os papéis sociais, ou seja, a sua complementaridade (SEBER, 1995, p. 61).

Conforme Piletti (2008), as crianças do pré-escolar são bastante egocêntricas, não se preocupam em interagir com os outros, estabelecem apenas relações esporádicas e com base em algum interesse pessoal, ou seja, apenas para satisfazer suas necessidades. Nos anos pré-escolares a criança não é seletiva quando se trata de alguém para brincar, na maioria dos casos não possui companheiros fixos.

Ainda nesse processo, outros fatores marcantes do desenvolvimento da criança dos anos pré-escolares é a linguagem, que possibilita a capacidade de socialização, e adaptação ao mundo social. A linguagem, que no início era egocêntrica, evolui para uma linguagem comunicativa, mais empática, a criança vai, paulatinamente, tendo dimensão sobre as pessoas com quem convive, e ao final do período pré-operacional, será capaz de saber colocar-se no lugar das outras pessoas, buscando compreendê-las ou até mesmo o oposto, sentimentos que podem ser tanto negativos quanto positivos dependendo das relações e interesses.

Sentimentos de simpatia e antipatia vão sendo desenvolvidos em relação às pessoas: haverá simpatia em relação àquelas pessoas que respondem aos interesses da criança, que a valorizam; haverá antipatia em relação àquelas pessoas com as quais não há gostos nem valores comuns. Falamos aqui, principalmente, dos sentimentos entre crianças da mesma idade. Quando se trata dos adultos, geralmente a criança desenvolve em relação a eles um sentimento unilateral de respeito (PILETTI, 2008, p. 238).

Segundo a publicação do PROFOMAR/UEA (2005), Erikson acredita que a criança da segunda infância, que vai dos 2 aos 6 anos, apresenta avanços no

desenvolvimento de suas emoções e pensamentos sobre si e com relação ao outro, há uma mudança em seus tipos de brincadeira que evidencia o seu desenvolvimento social e cognitivo. O brincar é a atividade essencial para a promoção do desenvolvimento, auxiliando, inclusive no enfrentamento dos conflitos emocionais.

A interação social desenvolve-se mais propriamente por volta dos 3 anos de idade, coincidindo com o ingresso na pré-escola- ampliação do mundo social da criança. Neste período não só a aquisição de valores e noções de limites e permissões é fundamental para o desenvolvimento das habilidades para o convívio social, mas, sobretudo, o suporte social dos pais, professores e pares no desenvolvimento da autoestima. Erikson (apud PROFORMAR/UEA, 2005, p. 23).

A teoria de Erikson, proporciona uma reflexão sobre a importância do desenvolvimento de atividades lúdicas concernentes à pré-escola, atividades estas que possam contribuir para o autocontrole das emoções, aprimoramento das habilidades e interações sociais, de forma que a criança possa ter um pensamento positivo sobre si e sobre o outro, expandindo sua noção sobre a realidade em que está inserida, bem como, possa aprender sobre os valores, deveres e direitos necessários para o convívio social.

Para Vygotsky (apud PROFORMAR/UEA, 2005, p. 35), o desenvolvimento da criança depende da interação da criança com a cultura e com as outras pessoas, os indivíduos que a criança convive são responsáveis por dar significados a realidade, significados estes que serão internalizados pelas crianças, ocorrendo um processo de fora para dentro, ou seja, as capacidades intelectuais ocorrem primeiro por meio de um processo interpsicológico para depois alcançar o intrapsicológico. O contato que a criança da pré-escola estabelece com os demais permite a apropriação de cultura e saberes.

Assim como Piaget, Vygotsky concebe o indivíduo como sujeito ativo na construção de suas capacidades psíquicas, uma vez que para ele o indivíduo não se apropria passivamente dos significados presentes nas relações sociais, mas antes, os “ressignifica” com base em sua própria história e necessidade. (PROFORMAR/UEA, 2005, p. 36)

Conforme Seber (1995), a criança do pré-escolar constrói seus conhecimentos por meio das interações que ela estabelece, e seu desenvolvimento

é marcado pelo aspecto biológico, que constitui fator importante para o seu crescimento, pois sem ele nada é possível. A influência do meio social adulto naquilo que a criança internaliza juntamente com suas estruturas orgânicas é o que irá compor a evolução da aprendizagem. Ao longo da evolução da aprendizagem da criança, ela compreende as informações e acontecimentos do seu modo, baseado em suas experiências, extrai aquilo que é possível entender. Somente a partir da mobilidade de raciocínio, onde as condutas se modificam, é que a criança atinge o plano do pensamento, sendo capaz de refletir sobre os diversos pontos de vista, bem como, do seu modo particular de pensar.

De acordo com Piaget (1967, p. 35 apud SEBER, 1995, p. 250):

Ao analisar o desenvolvimento do raciocínio na criança, Piaget destaca a importância da vida social para a conquista de coerência interna e objetividade. É no decorrer das trocas sociais, com a prática da narração e da discussão, que tal conquista se efetiva, ou seja, o principal fator que impulsiona a criança a tomar consciência de si mesma e dos motivos que a guiam é o contato e, sobretudo, a oposição ao pensamento dos outros.

Nesta fase, a criança costuma ter comportamentos imitativos, suas brincadeiras baseiam-se no faz-de-conta, em que há a transformação de um objeto em outro, a criação de personagens, ela cria hipóteses sobre o mundo, sobre aquilo que a cerca, sem precisar de provas, a criança passa a imitar sons, gestos e movimentos das pessoas. Vale ressaltar, que há uma troca entre adultos e criança, e assim, vão surgindo os sentimentos de simpatia e antipatia, dentre outros, que irão depender de certos interesses e necessidades da criança com relação a pessoas com quem convive. Assim, gradativamente, as brincadeiras da criança vão acompanhando seu desenvolvimento, e sendo ressignificadas conforme suas experiências obtidas por meio de suas interações sociais, ou seja, a criança passará a refletir, paulatinamente sobre os acontecimentos de seu cotidiano.

Quanto maior a aproximação entre o lúdico e as experiências vividas pela criança, menor será a fantasia, porque o brincar passa a refletir mais e mais os pormenores do cotidiano vivido por ela. Essa aproximação inclui distribuição e incorporação pertinentes dos papéis sociais; complementaridade entre as diferentes tarefas; maior coerência na ordenação das ações; construções detalhadas dos arranjos que acompanham a brincadeira; imitação dos ruídos próprios dos objetos;



reprodução da fala e entonação das personagens representadas; combinação antecipada e detalhada do que será desenvolvido como tema do grupo (SEBER, 1995, p. 62).

Os níveis de organização intelectual interferem nos intercâmbios sociais da criança, de modo que de acordo com o seu desenvolvimento atrelado às experiências e trocas sociais, ou seja, as aprendizagens da criança relacionam-se com as conquistas sociais. As aprendizagens e interações que ocorrem no âmbito familiar são conquistas que devem ser mediadas pelo professor, no âmbito escolar, de modo que tenha consciência sobre o empenho pessoal que a criança deve ter para adquirir novas conquistas sociais, levando em consideração o nível cognitivo da criança, bem como suas especificidades. Como afirma Seber (1995, p. 238), “A partir do início da vida escolar, as conquistas sociais precisarão de um certo tempo para ser assimiladas em relação às trocas entre criança e professor e entre as próprias crianças”. Cabe ao professor da educação infantil, no que se refere às atividades de contação de histórias e acontecimentos da rotina escolar, a realização de uma sondagem sobre os conhecimentos prévios de cada aluno, suas experiências e comportamentos, levando em consideração a fase de desenvolvimento de seus alunos.

Visto que no processo de contação de histórias, o conhecimento sobre o a criança e seu desenvolvimento é imprescindível e diante dos aspectos expostos concernentes a criança da educação infantil na fase do pré-escolar I, levando em consideração seu desenvolvimento, faixa etária, nível cognitivo e demais características específicas, é pertinente tomar conhecimento sobre as contribuições da contação de histórias para elas.

### 1.2.2 O que significa contar histórias para essas crianças

Por meio da contação de histórias são desenvolvidos aspectos importantes para o desenvolvimento da criança, seja de caráter social, emocional ou cognitivo, possibilitando interações sociais, transmissão de cultura, valores, demonstração de afetividade, dentre outros tantos benefícios e cabe ao professor mediar este processo de forma segura e planejada.

Por meio das histórias e dos recursos utilizados para contá-la, pode-se ampliar a compreensão da criança sobre a realidade, assim como, pode fortalecer a imaginação para algo mais abstrato e lúdico. Segundo a Revista Barbante (2012), a criança bem estimulada terá respostas para questões como: afetividade, criatividade, aspectos cognitivos, estímulos verbais, além de estimular a leitura e a linguagem escrita. A contação de histórias possibilita a socialização da criança, tanto no âmbito familiar quanto escolar, no que tange à sala de aula, a criança passa a ter um melhor relacionamento com os colegas e professora, o que é necessário, agregando à aprendizagem e conhecimento de si e do mundo.

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. Para se desenvolver, portanto, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelece (RCNEI, 1998, p. 21).

A construção de valores e cultura é um fator preponderante para que a contação seja cada vez mais trabalhada na educação infantil, sendo que é a base para a preparação do convívio social, auxilia na construção da identidade, e também colabora para o pensamento e linguagem da criança. Certos aspectos da vida cotidiana acabam não sendo de fácil compreensão para as crianças, valores, aprendizados, comportamentos e regras podem ser adaptados nas histórias. E assim, elas acabam relacionando às situações, discernindo entre o que é certo e o que é errado, tomando conhecimento sobre seus direitos e deveres e sendo preparados para a vida em sociedade.

As histórias são úteis na transmissão de valores por que dão razão de ser aos comportamentos humanos. Tratam de questões abstratas, difíceis de serem compreendidas pelas crianças quando isoladas de um contexto. A criança é incapaz de raciocinar no abstrato. Assim, virtudes, maus hábitos, defeitos ou esforços louváveis que interferem no comportamento social do indivíduo, gerando consequências na sua vida, não podem ser entendidos com esta clareza pelas crianças. Falta referencial capaz de associar uma questão de comportamento a um fato: Fulano agiu assim e deu-se mal... A falta de lealdade de Beltrano fez a verdade vir à tona (DOHME, 2010, p. 18).

Outra contribuição do ato de contar histórias é sem dúvida a interação social, tanto entre aluno/aluno quanto e, principalmente entre professor/aluno e aluno/professor, trabalhando assim, aspectos importantes para o desenvolvimento da criança, fortalecendo sua autoestima, confiança e ensinando-a, por meio dos exemplos contidos nas histórias, a buscar soluções para os conflitos e dificuldades da rotina e vida pessoal. Propiciando também o desenvolvimento da linguagem, expressão de seus pensamentos, sentimentos e a resolução de problemas. Para tanto, é importante que haja um diálogo constante em sala de aula, onde há um preparo para o convívio social e sejam feitos combinados, de modo que o professor dialogue regularmente com seus alunos, fazendo roda de conversa a fim de permitir a troca de saberes e conhecimento sobre os acontecimentos da rotina dos alunos, suas diferentes realidades e experiências, permitindo que falem sobre seus pensamentos e sentimentos.

A interação social em situações diversas é uma das estratégias mais importantes do professor para a promoção de aprendizagens pelas crianças. Assim, cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a autoestima. A existência de um ambiente acolhedor, porém, não significa eliminar os conflitos, disputas e divergências presentes nas interações sociais, mas pressupõe que o professor forneça elementos afetivos e de linguagem para que as crianças aprendam a conviver, buscando as soluções mais adequadas para as situações com as quais se defrontam diariamente (RCNEI, 1998, p. 31).

As crianças, ainda que não saibam ler, pegam um livro de histórias e por meio de sua imaginação reinventam, contando de sua maneira o que para ela está escrito ali, demonstrando o desenvolvimento de sua linguagem e pensamento. As histórias

permitem com que as crianças desenvolvam a oralidade, de modo que entram em contato com histórias que se adaptam a sua linguagem, sendo de fácil compreensão, levando em consideração seu desenvolvimento cognitivo e especificidades. O professor contador de histórias pode estimular a oralidade da criança por meio de conversas antes ou depois da história, permitindo também que abordem a moral de tal história. As histórias propiciam uma aprendizagem diferenciada, pelo seu jeito lúdico de abordar assuntos tidos como mais complexos para serem explicados para a criança, falando sobre sentimentos, pensamentos, e estimulando sua imaginação.

Conforme Sunderland (2005, apud REVISTA BARBANTE, 2012, p. 62):

O uso da história reconhece que é limitado falar sobre sentimentos com crianças na linguagem cotidiana. A história fala às crianças num nível muito mais profundo e imediato do que a linguagem literal cotidiana. Falar sobre sentimentos na linguagem cotidiana é como andar em círculos. Isso acontece porque a imaginação cotidiana é a linguagem do pensamento, enquanto falar por meio de uma história, fazer uma encenação com bonecos ou fantoches, representar o que você quer dizer com barro, com uma pintura ou com uma cena na caixa de areia é usar a linguagem da imaginação. Essa é a linguagem natural da criança.

Antes de escolher uma história para contar, é necessário que o professor contador de histórias faça uma pesquisa sobre os gostos de seus alunos, os personagens que eles conhecem, e de acordo com isso, poderá descobrir com o que eles mais se identificam, utilizando isso em suas histórias, e se possível, criando outras também. O tipo de história a ser escolhida também poderá ser escolhido de acordo com o conteúdo ou assunto que o professor deseja abordar. Os estímulos contidos nas histórias são imprescindíveis para o desenvolvimento psicossocial da criança.

Temos de pesquisar, ler literatura especializada, feita para elas, conhecer seus heróis, sejam eles pertencentes aos desenhos animados ou histórias em quadrinhos, assistir a filmes, conhecer suas brincadeiras e preferências. É só desta forma que saberemos escolher, dentro de um repertório conhecido, qual história se adapta àquele comportamento que desejamos (ou precisamos) abordar (DOHME, 2010, p. 19).

Por meio da contação de histórias, o desenvolvimento da autonomia e senso crítico da criança são trabalhados. Podem também, entrar em contato com o mundo e seus vários aspectos, cotidiano e situações que permitem que conheçam realidades opostas à sua, proporcionando uma reflexão e estabelecendo conexões para a construção de sua personalidade. O ato de contar histórias, dependendo do recurso utilizado, enredo, técnicas e forma como serão contadas, podem servir de lição de vida, de modo que aprendem sobre o que é certo, o que é errado, regras, e aprendam sobre as consequências de uma escolha, tudo isso de forma lúdica, construindo seus valores e estimulando o sentimento de empatia.

As histórias atuam como ferramentas de grande valia na construção desse senso crítico, porque por meio delas os alunos tomam conhecimento de situações alheias a sua realidade, uma vez que podem "navegar" em diferentes culatras, classes sociais, raças e costumes. A visão de outras realidades fará com que vejam "os dois lados de uma mesma moeda", gerando tomadas de posições e construindo uma personalidade ativa (DOHME, 2010, p. 17).

O controle das emoções e autoconhecimento é uma contribuição da contação de histórias para o desenvolvimento psicossocial da criança, de forma que de acordo com sua convivência no âmbito escolar ou familiar, vai vivenciar situações que também podem se assemelhar às contidas nas histórias, gerando uma aprendizagem. Segundo Dohme (2010), isso ocorre devido os exemplos contidos nas histórias possibilitarem a criança a observar essas vivências, o contato com as emoções, reações, fatos e feitos dos personagens, permitem uma comparação com a realidade da criança de modo que sejam exemplos de vida a serem seguidos. A contação de histórias desperta a curiosidade e imaginação da criança, e dá possibilidade para que a criança possa solucionar problemas, auxiliando-a futuramente, de acordo com o enredo das histórias que serão contadas, ao descobrir e vivenciar as situações do mundo real, sendo um aprendizado para a vida.

É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas

personagens de cada história (cada uma a seu modo) (ABRAMOVICH, 1989, p.17).

Por meio da contação de histórias as crianças são capazes de experimentar os mais diversos sentimentos, que são importantes para que a criança os conheça e aprenda a lidar, imaginando cada situação da história, vivenciando situações em seu cotidiano e descobrindo-se.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (ABRAMOVICH, 1989, p. 17).

A contação de histórias contribui para diversos aspectos do desenvolvimento da criança, despertando o interesse pela leitura e colaborando para seus aspectos cognitivos, emocionais e sociais. O ouvir histórias pode estimular segundo Abramovich (1989, p.23), “o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!”. A imaginação é fonte para o conhecimento e as histórias abrangem as mais diversas finalidades.

### **1.2.3 Como Contar Histórias para essas Crianças**

O passo inicial para ser um contador de histórias é gostar de contar histórias, ter conhecimento sobre livros, gostar da interação com as crianças. O contador de histórias deve ter uma preparação e conhecimentos capazes de permiti-lo ter um bom desempenho, conforme afirma a Revista Barbante (2012).

Conforme Abramovich (1989), para contar histórias, o professor deve gostar principalmente de ler, e de ouvir histórias também. A partir disso, elas oferecem uma infinidade de possibilidades a serem trabalhadas com as crianças, até mesmo de forma interdisciplinar, desenvolvendo os mais variados conteúdos em uma só história. Para isso, é necessário que o professor tenha o domínio das técnicas,

disponibilizando-se a mediar esse processo, não de forma mecânica, apenas reproduzindo a história que escolheu, mas oferecendo um espaço de cumplicidade e segurança para seus alunos ouvintes. A criança percebe quando o professor não possui domínio da história, percebe quando não há uma motivação, por isso é importante que antes de contar uma história haja o devido preparo, levando em consideração a originalidade, surpresas, tonalidade de voz e expressão facial e tendo conhecimento sobre o enredo.

É necessário que professor da educação infantil compreenda os processos de desenvolvimento da criança, procure contar histórias que tratem sobre valores, regras, direitos, deveres, transmissão de cultura, controle das emoções, e proporcione uma boa interação de seus alunos preparando-os para o convívio social. O principal objetivo é fazer com que as crianças possam aprender e apreender conhecimentos que serão levados para a vida, colaborando para os aspectos cognitivos, sociais e emocionais.

A ação do professor de educação infantil, como mediador das relações entre as crianças e os diversos universos sociais nos quais elas interagem, possibilita a criação de condições para que elas possam, gradativamente, desenvolver capacidades ligadas à tomada de decisões, à construção de regras, à cooperação, à solidariedade, ao diálogo, ao respeito a si mesmas e ao outro, assim como desenvolver sentimentos de justiça e ações de cuidado para consigo e para com os outros. Em relação às regras, além de se manter a preocupação quanto à clareza e transparência na sua apresentação e à coerência das sanções, é preciso dar oportunidade para que as crianças participem do estabelecimento de regras que irão afetá-las diretamente (RCNEI, 1998, p. 43).

No que diz respeito ao incentivo da leitura, o professor deve deixar que seus alunos fiquem à vontade para lerem, manusearem e criarem uma relação de afeto com o livro ou materiais disponibilizados. Quanto ao manuseio dos livros, o professor não deve ter medo de que as crianças possam estragar o livro, mas sim ensiná-los a importância do zelo e cuidado, trabalhando assim mais aspectos que também poderão ser ensinados por meio da contação de histórias.

Dentre os principais recursos que precisam estar disponíveis na instituição de educação infantil estão os textos, trazidos para a sala do grupo nos seus portadores de origem, isto é, nos livros, jornais, revistas, cartazes, cartas etc. É necessário que esses materiais sejam colocados à disposição das crianças para serem manuseados. Algumas vezes, por medo de que os livros se estraguem, acaba-se restringindo o acesso a eles. Deve-se

lembrar, no entanto, que a aprendizagem em relação aos cuidados no manuseio desses materiais implica em procedimentos e valores que só poderão ser aprendidos se as crianças puderem manuseá-los (RCNEI, 1998, p. 156).

A interação entre narrador e ouvinte é um dos momentos mais satisfatórios da contação de histórias, o professor tem a possibilidade de abrir espaço para que as crianças exponham seus pensamentos antes, durante ou ao final da história, irá depender de suas estratégias. Assim, pode solucionar dúvidas, esclarecer questionamentos ou até mesmo proporcionar reflexões, criação de hipóteses, despertando o pensamento crítico e reflexivo da criança. Revista Barbante (2012)

Não se pode contar uma história de qualquer forma, sem preparo, seleção de recurso e técnicas, ao contar histórias é necessário que haja um planejamento inicial, e ao selecionar o melhor recurso, estudar os personagens, enredo, ter domínio da história dentre outros aspectos. Além do gostar de contar histórias, o professor necessita de algumas habilidades, habilidades essas que podem ser adquiridas com estudo, prática, e assim, aperfeiçoando este ato. Casasanta (1974, pp. 58 – 60 apud REVISTA BARBANTE, 2012, p. 69) destaca algumas habilidades necessárias ao bom contador de histórias, são elas:

Ser sensível à beleza da história, capaz de assimilar todos os seus elementos e transmiti-los bem; usar linguagem acessível ao público ouvinte, levando em conta sua faixa etária; - modular a voz, de acordo com os acontecimentos narrados: ora mais baixa, ora mais alta, mais depressa, mais devagar; tratar todos os participantes com carinho, não dando preferência a nenhum; - cuidar da dicção, emitindo as palavras corretamente, nem tão rápido que a criança não aprenda, nem tão devagar que acabe cansando os ouvintes; evitar vícios de linguagem, cacoetes e gestos repetidos constantemente (tais como: entenderam? Não é?, fungar, esfregar as mãos, etc); citar um desfecho poético para deixar uma sensação de beleza que ficará com as crianças nas horas seguintes; usar as palavras do texto, na maior parte do tempo, pois a criança amplia seu vocabulário a partir das histórias ouvidas; e provocar a emoção. Durante a história prepara-se a criança para a emoção que, atingindo o seu clímax, desfaz-se lentamente. O organismo volta então ao ponto de equilíbrio inicial. Nunca se deve parar no clímax, pois a emoção suscitada deve ir até o fim, seguir seu curso natural e descarregar-se normalmente.

De acordo com DOHME (2010) a contação de histórias pode ser executada por meio de onze recursos auxiliares, alguns deles são: narração interativa, maquete, bocão, radionovela, fantoche, dramatização, velcômetro, teatro de



sombras, dobradura, marionete e cineminha. Dentre outros inúmeros recursos que podem ser utilizados e reinventados, tudo dependerá da criatividade e planejamento do professor contador de histórias.

Entretanto, antes de se iniciar uma contação de histórias recomenda-se o preparo e organização do espaço, bem como, dos ouvintes, pensando sempre na interação com a plateia e o modo como ocorrerá a abordagem e a execução vai depender do narrador da história e do seu domínio sobre os ouvintes. Conforme este domínio, o ato de contar histórias pode ser executado, paulatinamente, de modo espontâneo, gerando uma atenção maior, para tanto, o contador deve ter domínio das técnicas.

Disposição: Os ouvintes deverão sentar-se em círculo. O narrador deverá fazer parte deste círculo, sentando-se junto com os ouvintes. No caso de ser um orador que gosta de gesticular e dramatizar, poderá ficar ajoelhado, pois desta forma terá mais domínio de seus movimentos, e afastado cerca de meio metro das crianças que estão ao seu lado. E absolutamente desaconselhável ficar em pé quando a plateia está sentada no chão ou vice-versa: ficar sentado quando a plateia está em pé. Conforme o domínio que o narrador tem de sua plateia, ele poderá permanecer em pé quando os ouvintes estiverem sentados em cadeiras (DOHME, 2010, p. 23).

Contar histórias, apesar de parecer algo fácil de fazer, exige alguns cuidados, como a entonação da voz, os gestos, expressões faciais, as vozes diferenciadas para cada personagem da história. Além disso, é preciso haver uma preparação posterior a contação, conhecimento e domínio sobre a história que será contada, e também é interessante que haja treino e cautela para evitar certos exageros.

Exercitar a narração procurando utilizar palavras simples, do conhecimento da criança. Treinar a entonação de voz adequada, dramática, porém com boa dicção, dar uma voz própria a cada personagem e controlar o tom de voz de modo a passar sentimentos de calma, segredo, atenção, emoção, medo, etc. Os gestos também devem ser exercitados, eles ajudam muito a dar ênfase na narração, mas deve tomar cuidado para dar a medida exata, de modo a não exagerar e não cair no ridículo (DOHME, 2010, p. 29).

Em vista disso, ao se ter conhecimento sobre a contação de histórias, o desenvolvimento psicossocial e o sujeito foco deste processo, que é a criança da educação infantil, bem como sobre a importância de se contar e como contar

histórias para estes sujeitos pode-se afirmar que este processo ocorre de modo interdependente. Contar histórias é algo importante e que deve ser feito com comprometimento e dedicação, pensando-se nas contribuições que este ato proporciona não somente para a aprendizagem escolar das crianças, mas a aprendizagem para a vida, preparando para o convívio social, formando sujeitos mais críticos e reflexivos capazes de administrarem seus sentimentos, que possam colocar em prática os valores, propagar conhecimentos e cultura, transmitindo isso para as futuras gerações.

## **CAPÍTULO 2 – Procedimentos Metodológicos**

### **2.1 Caracterização da Pesquisa**

Neste capítulo serão explanadas as questões sobre a abordagem, método e fonte de dados empregados na pesquisa por meio de fundamentações teórico-metodológicas, caracterizações e descrição da escola e sujeitos envolvidos, bem como, as técnicas utilizadas na coleta de dados e análises adotadas por meio da observação participante e anotações do caderno de campo, que proporcionaram experiências e conhecimentos que deram suporte à pesquisa. Também serão abordadas práticas referentes à pesquisa, abrangendo as experiências e anotações do caderno de campo. Posteriormente, serão apresentados os recursos para a contação de histórias.

#### **a) Natureza da Pesquisa**

A pesquisa foi feita por meio de uma abordagem de natureza qualitativa que objetiva estabelecer o significado de um fenômeno por meio da realidade social, e permitiu relação dinâmica entre o mundo objetivo, abrangendo o contexto escolar; e a subjetividade do sujeito, abrangendo as experiências vividas com os sujeitos desse contexto, permitindo falas, sentimentos, comportamentos e perspectivas que não podem ser representadas por meio de números.

Este tipo de abordagem permitiu com que a interpretação dos dados coletados na pesquisa fosse pautada na subjetividade, o que favoreceu a atribuição de significados à realidade social, com base na cultura e no contexto que o caracteriza. O CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) foi a fonte para coleta de dados e o olhar de pesquisador, bem como, as ações do professor e alunos foram instrumento-chave para o desenvolvimento dessa pesquisa. Terá como finalidade a compreensão do objeto de estudo em questão, de forma que poderá ser demonstrado como a contação de histórias pode colaborar para o desenvolvimento psicossocial da criança, com o auxílio de falas dos sujeitos, experiências, narrativas e interpretações.

A pesquisa qualitativa com apoio teórico na fenomenologia é essencialmente descritiva. E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhes outorga, e como aquelas são produto de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa, numérica, toda medida. Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso, não é vazia, mas coerente, lógica e consistente. Assim, os resultados são expressos, por exemplo, em retratos (ou descrições), em narrativas, ilustradas com declarações das pessoas para dar o fundamento concreto necessário, com fotografias etc., acompanhados de documentos pessoais, fragmentos de entrevistas etc. (TRIVIÑOS, 1987 p. 128).

A pesquisa de natureza qualitativa permitiu uma interpretação e reflexão sobre os dados coletados de acordo as perspectivas e vivências em campo, buscando compreender os fenômenos estudados e levando em consideração os significados e experiências, possibilitando uma análise sobre a subjetividade dos sujeitos envolvidas no ato de contar histórias, observando suas reações, comportamentos e pensamentos.

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, também é um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. [...] Assim como, o objeto por não ser neutro, nem inerte, ele está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações” (CHIZZOTTI, 2001, p. 79 apud NASCIMENTO e OLIVEIRA, 2016, p. 74)

A pesquisa foi feita por meio das experiências com contação de histórias, levando em consideração os sujeitos, suas falas e também a intuição e subjetividade sobre as anotações de campo. Tendo como abordagem qualitativa, objetivou-se explanar as questões relacionadas ao tema, levando em consideração a realidade social e vivências.

## **b) Método**

Esta pesquisa teve como referencial para abordar o objeto de estudo, o método fenomenológico, que se refere à fenomenologia de Husserl, e teve grande influência na filosofia contemporânea. Este método abrangeu as questões relacionadas ao “mundo vivido”, pelos sujeitos da pesquisa, levando em

consideração suas compreensões do conhecimento e experiências, buscando o reconhecimento da essência deste objeto, observando os fatos relacionados a contação de histórias e elementos envolvidos neste processo. Na Fenomenologia, aquilo que é vivido pelos sujeitos, o que é mostrado em sua realidade deve ser compreendido como de fato é.

Segundo Trivinos (1987, p. 43):

A fenomenologia é o estudo essências, e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas também a fenomenologia é uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir de sua "facticidade". É uma filosofia transcendental que coloca em "suspenso", para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas também uma filosofia segundo a qual o mundo está sempre "aí", antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço está em reencontrar esse contato ingênuo com o mundo para lhe dar enfim um status filosófico.

A seguinte pesquisa, baseou-se na Fenomenologia para fundamentar as experiências vividas em campo com o objetivo de mostrar a realidade e gerar uma compreensão acerca da mesma. Portanto, para Husserl - a fenomenologia objetiva uma análise da compreensão, compreendendo os saberes do senso comum e percebendo que "toda consciência é consciência de algo".

Para Husserl, as certezas positivas que permeiam o discurso das ciências empíricas são "ingênuas". "A suprema fonte de todas as afirmações racionais é a 'consciência doadora originária'. Daí a primeira e fundamental regra do método fenomenológico: "avançar para as próprias coisas." Por coisa entendemos simplesmente o dado, o fenômeno, aquilo que é visto diante da consciência. A fenomenologia não se preocupa, pois, com algo desconhecido que se encontre atrás do fenômeno; só visa o dado, sem querer decidir se esse dado é uma realidade ou uma aparência. Gil (2008, p. 14 apud PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 35)

Portanto, para Prodanov e Freitas (2013), o método fenomenológico possui uma tendência voltada para o objeto, buscando extrair sua essência e seus aspectos intrínsecos, buscando compreendê-lo por meio da intuição, focando no fenômeno sem se preocupar em provar sua natureza real ou fictícia.

### **c) Fonte de dados**

Com o intuito de conseguir informações para esta pesquisa, de modo que fosse possível vivenciá-la, optou-se pela pesquisa de campo que, segundo Fonseca (2010, p. 70 apud NASCIMENTO E OLIVEIRA, 2016, p. 73), “Baseia-se na observação dos fatos tal como ocorrem na realidade. O pesquisador efetua a coleta de dados diretamente no local da ocorrência dos fenômenos”. Com o auxílio do caderno de campo, foi possível registrar acontecimentos, falas e experiências importantes para fomentar a pesquisa.

A pesquisa também possui um caráter bibliográfico, que busca fundamentá-la com o auxílio de livros, textos, periódicos, e materiais disponíveis na internet.

Conforme Gil (2006 apud NASCIMENTO e OLIVEIRA 2016, p. 73):

Tradicionalmente, o local privilegiado para a localização das fontes bibliográficas tem sido a biblioteca. No entanto, em virtude da ampla disseminação de materiais bibliográficos em formato eletrônico, assume grande importância a pesquisa feita por meio de bases de dados e sistemas de busca.

Foram utilizados na pesquisa para a revisão de literatura diversos referenciais teóricos que tratam sobre o tema, ampliando a visão sobre o mesmo e colaborando para a interpretação da relação entre as impressões pessoais marcadas pelas experiências em campo e pelo embasamento teórico, explanando o tema por meio das teorias sobre a contação de histórias, o desenvolvimento psicossocial e a criança da educação infantil.

### **d) O Lócus da Pesquisa (Caracterização da Escola)**

A escola Municipal que oferece a modalidade de Educação Infantil fica localizada na Zona Centro-Sul da cidade de Manaus e surgiu com o intuito de oferecer a comunidade do bairro Parque 10 de Novembro, um espaço que pudesse atender as crianças em fase escolar que estavam sem estudar. Foi criada pela Lei nº 1983/88 do dia 01 de dezembro de 1988. A escola fica localizada em um espaço público bastante utilizado para práticas desportivas e culturais, estando a escola

dentro deste local. O “portão da escola” é a entrada para acesso às dependências do local que é frequentado por pessoas que participam das atividades que o local oferece, pelos estudantes, seus pais e profissionais da escola.

Atende os seguintes níveis de ensino: Maternal, 1º período e 2º período, onde são dispostas 3 salas com cerca de 20 alunos para cada nível, e 18 professoras ao todo. A escola funciona nos turnos matutino e vespertino.

A estrutura física da escola conta com nove salas de aula, sala de diretoria, sala do positivo, uma sala de depósitos de alimentos, uma sala de recursos, um gabinete odontológico, um almoxarifado, refeitório, ludoteca, biblioteca, um banheiro dos funcionários e dois banheiros para as crianças.

A escola traz em seu projeto político pedagógico valores como afetividade, ética, compromisso e responsabilidade, além de ter como missão uma educação de boa qualidade com o compromisso de garantir não apenas o acesso e a permanência, mas o sucesso do educando, respeitando suas diferenças e individualidades, em um ambiente que propicie a construção prazerosa do conhecimento e da liberdade de expressão. E, como objetivo, o documento evidencia com frequência a importância do envolvimento da família no fazer pedagógico com professores e funcionários em geral, de forma responsável, comprometida e ética, para um efetivo exercício da cidadania e desenvolvimento integral das potencialidades das crianças de 3 a 5 anos.

As decisões sobre o trabalho e a organização da instituição são feitas por meio das ações sinalizadas que são passadas e repassadas pela Secretaria Municipal de Educação – (SEMED), e através também do PPP (Projeto Político Pedagógico), para que após serem tomadas, caiba ao diretor ou pedagogo formalizar essas ações e orientar o trabalho do professor e de todo o corpo de funcionários.

A participação da comunidade e da família na escola ocorre através dos grandes eventos que ocorrem na escola. A participação dos pais é fundamental durante as reuniões com os professores para entrega de pareceres, e quando necessário, se surgir alguma questão para resolver com os pais, ou a professora estiver com dificuldades com algum aluno, a escola procura entrar em contato para

uma reunião. Ou, ainda, quando os próprios pais sentem a necessidade de conversar com a pedagoga.

A participação da família e da comunidade é observada nas culminâncias da escola, realização dos projetos, reunião de pais e mestres que é feita trimestralmente, atendimentos individualizados para falar sobre as faltas que ocorre mensalmente, além da ajuda dos pais no trabalho pedagógico.

As atividades e os projetos são realizados conforme orientação do PPP, onde há um trabalho conjunto da equipe escolar e as culminâncias são realizadas no “pátio” da escola. E a avaliação de aprendizagem dos alunos é feita através de Pareceres Descritivos.

Um dos motivos pelos quais a escola foi escolhida para a pesquisa do objeto de estudo foi o fato de a escola desenvolver o “Projeto Clássicos da Literatura Infantil”, que tem como objetivo desenvolver a linguagem oral e a expressão artística; entendimento do mundo em que vive por meio das histórias, contos clássicos, fábulas, mitos, lendas e cantigas; e a construção da autonomia e conhecimento do aluno.

Foi possível observar a realização deste projeto, que foi atrelado a uma homenagem ao dia das mães, onde as crianças do 2º período do Pré-escolar apresentaram o conto de fadas “Cinderela”, em forma de Teatro, com o auxílio da professora, e com algumas adaptações. As crianças eram as personagens, estavam caracterizados e encenavam de acordo com o que havia sido ensaiado por eles.

Percebe-se o quanto este processo é importante e necessita de toda uma preparação e cuidado por parte da professora, este processo não pode ocorrer de qualquer forma, deve ter objetivos, e ser prazeroso para a criança que está participando, contribuindo para seu aprendizado e desenvolvimento.

Em suma, foi de grande aprendizado as observações sobre o objeto de estudo nesta escola, tendo em vista tanto aspectos positivos quanto negativos, sabendo que há algumas falhas e questões que precisam ser adaptadas e melhoradas para que haja contribuições significativas para o processo de desenvolvimento psicossocial dos alunos.



### **e) Os Sujeitos da Pesquisa (Os alunos, professores)**

A pesquisa foi realizada em duas turmas do pré-escolar I, com crianças na faixa etária de 4 a 5 anos, e ocorreu na sala de aula de turmas distintas, mas com a mesma professora regente. A primeira experiência com contação de histórias ocorreu em 16 de maio de 2016 e a segunda experiência no período de 9 de maio até 19 de junho de 2017. Com o auxílio de atividades práticas de contação de histórias, foi possível observar tanto os alunos quanto a professora, que contribuiu significativamente para a pesquisa, pois a mesma tinha o hábito de contar histórias para os seus alunos. Por meio das observações de campo, presenciamos a reação das crianças diante das histórias contadas, suas impressões e falas, que foram imprescindíveis para a realização deste trabalho.

No decorrer da pesquisa, no Estágio Supervisionado I, a professora regente relatou que com relação à sua perspectiva teórico-metodológica sobre o processo de ensino e aprendizagem não podia definir somente uma, ela acredita que tem muitas perspectivas, que utilizava, desde a Tradicional à Construtivista.

A professora dialogou sobre seu processo de formação, no tempo em que a pesquisa foi feita, estava cursando o magistério por meio do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica de Ensino (PARFOR), que é destinado aos professores da rede pública da educação básica, em exercício há pelo menos três anos, sem formação adequada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Os professores devem se inscrever nos cursos correspondentes às disciplinas que ministram na rede pública.

Observou-se um bom relacionamento interpessoal, desde o planejamento até a cooperação na rotina escolar. Em sua relação interpessoal professor/aluno busca ouvir atentamente cada aluno e demonstra respeito às ideias e expressões de cada um, a relação professora/aluno e aluno/professor ocorrem de modo que se percebe a preocupação da professora com as experiências, conhecimentos e oralidade da criança e esta relação é baseado na afetividade.

A professora procurava explorar espaços fora da sala de aula para a realização de brincadeiras ao ar livre, costumava usar como recurso didático a apostila, contação de histórias, música, dentre outras. Buscando o desenvolvimento

integral das crianças e proporcionando atividades lúdicas capazes de facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Com relação aos alunos, a maioria das crianças morava nos bairros adjacentes à escola e em sua maioria eram de classe média baixa e notava-se uma união entre pais e professora. Cabe ao professor e à escola mediar e compreenderem as diferentes realidades e condições vividas por cada aluno, respeitando sua cultura, classe, costumes, etc.

De acordo com o RCNEI (1998, p. 77):

A pluralidade cultural, isto é, a diversidade de etnias, crenças, costumes, valores etc. que caracterizam a população brasileira marca, também, as instituições de educação infantil. O trabalho com a diversidade e o convívio com a diferença possibilitam a ampliação de horizontes tanto para o professor quanto para a criança. Isto porque permite a conscientização de que a realidade de cada um é apenas parte de um universo maior que oferece múltiplas escolhas

As crianças correspondiam de forma positiva às demandas trazidas pela professora, apresentavam um bom desempenho nas atividades e interações constantemente com a professora e demais colegas. Com relação ao desenvolvimento psicomotor, a professora desenvolvia atividades que trabalhavam este aspecto, por meio de músicas, brincadeiras, danças, entre outros. Este aspecto foi percebido como essencial pela professora, pois trabalha o equilíbrio, coordenação motora, além de desenvolver muitas habilidades de forma lúdica.

As crianças desenvolviam sua autonomia por meio de atividades, bem como pela rotina e exigências de sala de aula, iam ao banheiro e bebiam água sozinhas, não necessitavam de muita ajuda para guardarem ou organizarem seus materiais pessoais, nas atividades demonstravam interesse por tentar fazer sem auxílio da professora e na maior parte da aula demonstravam compreender e obedecer aos combinados e comandos da professora.

Segundo o RCNEI (1998, p. 14):

A autonomia pode ser definida como a capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprias, levando em conta regras, valores, sua perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro, é, nesta faixa etária, mais do que um objetivo a ser alcançado com as crianças, um princípio das ações educativas.

Havia uma boa interação entre a professora e os alunos, bem como entre as crianças, a professora ressaltava sempre a importância do respeito e cuidado com o colega, e eles acabavam internalizando isto, sua relação com as crianças se dava de forma afetiva e compreensiva.

## **2.2 As técnicas de pesquisa**

### **a) Observação participante**

As experiências no decorrer das disciplinas cursadas, bem como, as vivências do Estágio Supervisionado I, possibilitaram uma observação participante diante do objeto de estudo, aproximando os conhecimentos prévios da prática, e consequentemente, agregando mais conhecimentos. As experiências práticas contribuíram significativamente para a minha formação acadêmica e futura prática pedagógica, e a observação participante auxiliou na relação entre as teorias estudadas e a realidade escolar, proporcionando uma reflexão e busca de saberes por meio da interação com os sujeitos.

A pesquisa participante, assim como a pesquisa-ação, caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Há autores que empregam as duas expressões como sinônimas. Todavia, a pesquisa-ação geralmente supõe uma forma de ação planejada, de caráter social, educacional, técnico ou outro (THIOLLENT, 1985 apud NASCIMENTO e OLIVEIRA 2016, p. 76).

A observação participante tornou-se possível com a mediação do estágio e vivências anteriores das disciplinas cursadas, além de serem explanadas à luz dos teóricos estudados. A observação da rotina, vivência de sala de aula e as falas e comportamentos dos sujeitos serviram como orientação para a elaboração das atividades práticas com os sujeitos envolvidos. Por meio da observação participante vivenciei o contexto em que as crianças estavam inseridas, interagindo e dando voz a elas, aprendendo também com a professora regente, que tinha como rotina o ato de contar histórias para as crianças, e sempre estava disponível para esclarecimentos e troca de saberes.

Segundo Gray (2012, p. 323):

Com a observação participante, o pesquisador se torna membro do grupo que está sendo pesquisado e, portanto, começa a entender sua situação ao vivenciá-la. O pesquisador passa a estar “imerso” no contexto onde acontece a pesquisa de campo, com o objetivo de compartilhar e experimentar as vidas das pessoas para conhecer seu mundo simbólico.

As experiências da pesquisa de campo permitiram com que fosse possível participar integralmente daquela realidade para então compreendê-la, sem permitir-me limitar apenas a uma pesquisadora, mas fazendo parte do grupo, dialogando, conhecendo suas especificidades, observando as reações, acontecimentos, buscando conhecimento teórico para contemplar a realidade e refletindo sobre a realidade do contexto escolar em que estava inserida.

#### **b) Entrevista não diretiva**

Durante a pesquisa, mais especificamente no Estágio Supervisionado I, com o intuito de levantar informações acerca do objeto de estudo, foi necessário o uso de uma entrevista não diretiva com a professora regente da turma em que estagiei. Fiz duas perguntas relacionadas ao meu tema, perguntas essas que não foram pré-planejadas, e foram feitas com o intuito de descobrir as concepções e práticas da professora regente.

Conforme Gray (2012, p. 302):

As entrevistas não diretivas são usadas para explorar uma questão ou um tópico em profundidade e as perguntas não costumam ser pré-planejadas. Entretanto, está claro que o pesquisador deve ter uma noção dos objetivos da pesquisa e, assim, de quais questões serão tratadas na entrevista. O formato da entrevista será tal que os respondentes poderão falar livremente em torno do tema. A contribuição do entrevistador se limitará principalmente a verificar quaisquer pontos duvidosos e a reformular respostas para verificar a precisão e o entendimento. Assim como as entrevistas semiestruturadas as entrevistas não diretivas tendem a coletar dados para a análise qualitativa.

Por meio dessas perguntas não diretivas, de maneira mais informal, percebeu-se a importância da perspectiva do professor contador de histórias, à medida em que a professora se preocupava com essa prática e suas respostas geraram grandes contribuições para a pesquisa.

### **c) Caderno de campo**

Visto as técnicas já utilizadas, pode-se afirmar que outra muito importante que serviu de complemento tanto para a observação participante quanto para a entrevista diretiva foi o caderno de campo. Todas as vivências em sala de aula foram anotadas, proporcionando além de informações importantes para a pesquisa, a reflexão sobre as experiências em sala de aula com contação de histórias, sendo explanadas e confrontadas à luz dos teóricos estudados. No caderno de campo, encontram-se as falas, problemáticas existentes, rotinas, comportamentos, práticas, pensamentos tanto dos sujeitos pesquisados quanto minhas impressões e perspectivas sobre estes aspectos.

Segundo Gray (2012, p. 326):

Em primeiro lugar, o pesquisador deve tentar captar mentalmente e se lembrar do maior número de detalhes possível: quem estava no contexto do trabalho de campo que aparência tinham essas pessoas, o que disseram, como se sentiram em relação a eles, etc. Essas são notas mentais, que podem ser lembradas depois para contribuir com a produção de anotações escritas. As notas escritas incluem observações feitas em campo que funcionam como um tipo de auxílio à memória para a posterior produção de notas de campo mais abrangentes.

Portanto, o caderno de campo é um instrumento importante para a anotação de tudo aquilo que foi vivenciado, permitindo uma análise mais profunda e embasamento teórico para a afirmação ou confronto de saberes. As práticas, acontecimentos, comportamentos e pensamentos anotados no caderno de campo, podem ser sistematizados, e assim, explanados para a obtenção de conhecimento.

## **2.3 A Pesquisa de Campo**

A pesquisa de campo foi realizada em um CMEI (Centro Municipal de educação Infantil), localizado na Zona Centro-Sul da cidade de Manaus, e teve como foco alunos do pré-escolar I, com crianças na faixa etária de 4 a 5 anos, ocorrendo em turmas e anos distintos. A professora regente que contribuiu para a pesquisa, possibilitando a troca de saberes e obtenção de experiências foi a mesma. A primeira experiência ocorreu em 16 de maio de 2016, com a contação da história: “A galinha azul”, e a segunda experiência no período de 9 de maio até 19 de junho de 2017 abrangendo as observações em sala de aula, conversa com a professora regente e realização da contação da história: “Confusão na cidade dos números”.

As observações e experiências realizadas no decorrer da pesquisa contribuíram para a coleta de dados importantes que foram registrados no caderno de campo, permitindo assim uma sistematização e reflexão. As experiências das histórias “A galinha azul” e “Confusão na cidade dos números” serão abordadas no terceiro capítulo, para uma maior reflexão, cabendo a este capítulo expor as observações da pesquisa de campo e recursos utilizados pela professora nas contações de histórias, durante o Estágio Supervisionado I, no ano de 2017.

### **2.3.1 Observações da pesquisa de campo no Estágio Supervisionado I no ano de 2017.**

Por meio das atividades diárias do Estágio Supervisionado I, que durou cerca de 4 meses, foi possível observar a rotina da sala de aula, e principalmente a prática da professora regente. As observações sobre o objeto de estudo, permitiram um diálogo com a professora acerca da contação de histórias, para tanto foram feitas suas perguntas por meio de uma conversa informal, a fim de conhecer o ponto de vista da professora sobre esta prática. É importante salientar que a professora regente que participou desse processo é a mesma que realizei a primeira experiência com contação de histórias intitulada, “A galinha azul” realizada no ano de 2016, entretanto por ser tratar de uma outra turma, os sujeitos da pesquisa (alunos do pré-escolar) eram outros. O diálogo com a professora permitiu conhecer as perspectivas da mesma sobre a prática de contar histórias.

No sexto dia de estágio, em 09 de maio de 2017, durante minhas observações, surgiram algumas inquietações sobre a prática da professora regente que me motivaram a elaborar duas perguntas iniciais, que durante a conversa foram sendo explanadas por meio das opiniões da professora. Então de modo informal perguntei a ela:

- *“Com que frequência você costuma contar histórias para eles?”*.

- *“Qual a importância da contação de histórias?”*.

E ela respondeu que a contação de histórias trabalha a oralidade, as crianças além de aprenderem palavras, também tem a liberdade para criar novas palavras.

- *“As histórias transmitem valores, instigam a imaginação e criatividade, além de ampliarem o vocabulário” (Professora regente).*

A professora relata que costuma todos os dias ler histórias para as crianças e que considera muito importante, pois elas entram em contato com o mundo das palavras e acaba sendo um incentivo para a leitura.

- *“Apesar de que elas ainda não saibam ler, elas ouvem e contam as histórias à medida que vão crescendo, vão repassando as histórias e criando outras, dando espaço para a imaginação” (Professora regente).*

Segundo a professora a contação de histórias trabalha a oralidade, as crianças além de aprenderem palavras, também tem a liberdade para criar novas palavras.

- *“As histórias transmitem valores, instigam a imaginação e criatividade, além de ampliarem o vocabulário” (Professora regente).*

A professora relata que costuma ler histórias todos os dias para as crianças e que considera esta prática muito importante, pois elas entram em contato com o mundo das palavras e acaba sendo um incentivo à leitura.

*- “Apesar de que elas ainda não saibam ler, elas ouvem e contam as histórias a medida em que vão crescendo, vão repassando as histórias e criando outras, dando espaço para a imaginação” (Professora regente).*

Ela relata que por conta do ensaio para a peça “O pequeno polegar”, teve que dar uma pausa na contação de histórias, mas que a história sobre o Pequeno polegar acaba transmitindo valores:

*“Por mais que eles ainda não entendam como nós os valores e lições de moral, mas que como na história do Pequeno Polegar, em que mostra que mesmo que ele fosse pequeno, era valente e inteligente, repassa o ensinamento de que temos que respeitar o outro e entender que o tamanho não mede a capacidade. Então eles acabam entendendo isso de certo modo” (Professora regente).*

Então, depois de fazer essas duas perguntas não diretivas a professora, pude perceber o quanto é importante que haja mais momentos destinados a contação de histórias, bem como, compreensão do professor sobre a importância deste ato para o desenvolvimento da criança.

*“Não dá para elencar todos os benefícios da contação de histórias, são muitos e na prática podemos observar a reação das crianças, bem como, aquilo que estão aprendendo. Aquilo que aprendem agora na infância vão desenvolver ao longo da vida, sendo importante trabalhar isto desde cedo” (Professora regente).*

Em um certo momento a professora pediu para que fossem distribuídos os livros de histórias infantis a eles.



- *“Quando eu não conto, eu costumo dar livros para eles lerem” (Professora regente).*

O interessante é a reação das crianças, folheiam os livros, demonstram-se interessadas pelas imagens e procuram “ler” da forma como entendem. As crianças acabam entrando em contato com o mundo das palavras e criando suas próprias histórias e despertando sua imaginação, pois por não saberem ler muitas inventam histórias baseadas nas figuras que veem nos livros, além de ser um estímulo a prática da leitura.

Por meio dos conhecimentos à luz das teorias estudadas e observações realizadas no Estágio Supervisionado I foi possível identificar os recursos utilizados pela professora, bem como, observar os comportamentos e rotinas das crianças, para que assim, fosse elaborado o Plano de ação pedagógico, que posteriormente foi realizado por meio da contação da história: “Confusão na cidade dos números”.

### **2.3.2 Recursos do Professor**

A professora possuía o hábito de contar histórias para as crianças, e o recurso que mais utilizava eram os livros de histórias infantis, livros estes dos mais variados gêneros, contendo ilustrações e textos. Apesar de utilizar apenas o livro como recurso para contar histórias, a professora apresentava habilidade, atentava-se para as técnicas, ao iniciar as histórias a professora organizava as crianças em rodinha e fazia combinados com os alunos dizendo a eles que deveriam prestar atenção na história, levantar a mão no final quem quisesse comentar ou perguntar algo e assim, ela iniciava a história fazendo perguntas a fim de obter informações sobre o conhecimento prévio dos alunos acerca dos elementos contidos na história.

Com relação às técnicas, utilizava gestos, expressões faciais e ondulações com a voz, atentava-se para as entonações e transições nas falas dos personagens e demonstrava conhecimento sobre a história sempre olhando para cada criança, observando as diversas reações.

A dramatização também era colocada em prática, apesar de a professora contar histórias sentada em uma cadeira pequena centralizada ao meio da rodinha,

ou até mesmo no chão juntamente com as crianças, ela gesticulava bastante e era expressiva em suas ações de modo que as crianças ficavam bem atentas prestando atenção. E com relação à dicção, ao falar, a professora pronunciava corretamente as palavras de modo que as crianças pudessem compreender.

A professora possuía uma caixa bem grande onde guardava seus livros de histórias infantis, e quando não contava histórias para os alunos, permitia que eles manuseassem os livros, lendo suas ilustrações, esse era um hábito que fazia parte da rotina da turma, trabalhando assim de acordo com o que é recomendado pelo RCNEI (1998), ela falava sobre os cuidados com o livro, ampliando os valores que deveriam ser aprendidos pelas crianças e permitindo que pudessem entrar em contato os livros dos mais variados gêneros, sem ter medo que o danificassem. Com isso, percebeu-se que as crianças exerciam sua imaginação, criando histórias e tomando gosto pela leitura.

## **CAPÍTULO 3 – As contribuições da Contação de Histórias para o Desenvolvimento Psicossocial da Criança**

Neste capítulo serão analisados os dados obtidos por meio das experiências em campo com a contação das histórias “A galinha azul” realizada no ano de 2016, e “Confusão na cidade dos números” de 2017. A fim de refletir sobre as possíveis contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento psicossocial da criança serão expostas falas e ações dos sujeitos da pesquisa, explanadas à luz dos teóricos citados.

### **3.1 Primeira experiência com Contação de Histórias: “A galinha azul” (2016).**

A primeira experiência com contação de histórias foi realizada por meio de uma atividade de campo solicitada pela disciplina de “Pensamento e Linguagem da criança”, no 4º período do curso de Pedagogia. Ocorreu por meio de observações da rotina de uma escola de educação infantil e mais especificamente da turma do Pré-Escolar I, com crianças na faixa etária de 4 a 5 anos, o que possibilitou uma intervenção pedagógica por meio da contação de uma história. Esta atividade tinha como finalidade, através da realização de um plano de aula, contribuir para o processo de desenvolvimento cognitivo, social e emocional do aluno por meio da contação de histórias da Literatura Infantil, seguida de brincadeiras e atividade de desenho e pintura desenvolvendo a imaginação e o gosto pela leitura.

A atividade foi realizada em grupo, composto por mim e por mais três integrantes, e pelo fato de ser nossa primeira experiência com contação de histórias, foram articulados os conhecimentos adquiridos teoricamente à luz das ideias de Piaget e Vygotsky, estudados na disciplina.

Chegando ao CMEI escolhido para a pesquisa, nos deparamos com uma turma indicada pela coordenação, onde a professora regente exercia constantemente esta prática. A visita ocorreu no dia 16 de maio de 2016 às 08h00min, na turma da professora Joana (nome fictício), Pré-escolar I, com o número de 20 alunos, porém no dia só haviam 11 crianças.

Ao chegarmos à sala de aula foi perguntado à professora de que forma que a escola provocava o desenvolvimento da oralidade, e ela respondeu que através de

diálogos sobre o dia a dia das crianças, de contação de histórias e de músicas infantis.

No primeiro momento, tivemos o nosso primeiro contato com as crianças, por meio de rodinha, interagimos com as crianças nos apresentando e perguntando o nome de cada uma delas. Em seguida, desenvolvemos um pequeno diálogo perguntando se elas gostavam de histórias infantis, onde obtivemos respostas positivas. Durante o diálogo ouvimos as preferências de algumas crianças que declararam:

- *“Eu gosto da Ana do Frozen”;*

- *“Eu gosto do Capitão América”.*

As seguintes afirmações remetem às personagens do cinema e quadrinhos, que fazem parte dos conhecimentos prévios das crianças, demonstrando seus gostos e cultura. As perguntas antes da contação proporcionam uma melhor interação entre narrador e ouvinte, como afirma a Revista Barbante (2012), possibilita que a criança exponha seus pensamentos, permitindo uma troca de saberes e possíveis esclarecimentos, despertando o pensamento crítico e reflexivo da criança.

**Imagem 1 - Momento de interação com as crianças**



Fonte: Arquivo Pessoal (2016).

A história intitulada “A Galinha Azul” baseou-se na fábula “A Galinha Preta” do Canal Quintal da Cultura contada pelas contadoras de história: Natália Grisi e Camila Cassis. A história foi adaptada pela nossa equipe, e para a seleção desta considerou-se ter como temática a inclusão social, abordando as diferenças entre as pessoas, bem como, a compreensão e respeito ao outro nas suas singularidades, aberta às diversidades, com o objetivo de transmitir valores importantes para a valorização do bem comum. Considerando o que está previsto no RCNEI (1998), estimulando assim, a autonomia das crianças, o respeito à pluralidade cultural e possibilitando conhecimentos adquiridos por meio da interação social.

Levando em consideração que era nosso primeiro contato com as crianças, não havia uma relação de confiança como a existente entre elas e a professora regente, por isso a nossa interação foi limitada. Isso foi percebido, pois no início do diálogo as crianças pareciam um pouco desconfiadas. Nem todas as crianças interagiram, por serem segundo a professora, tímidas. Posteriormente, perguntamos: - “Vocês querem ouvir uma história bem legal?”, e as crianças confirmaram, agora um pouco mais entusiasmadas: - “Siiiiim!”, e após a resposta positiva delas, demos início ao ato. O recuso utilizado para o ato foi o fantoche, e foi composta por um narrador, um animador que ficou entre as crianças, e duas contadoras de história, (eu e a outra integrante da equipe usamos como fantoche dois pares de luvas pintadas para encenar a história).

**Imagem 2 - Momento da contação da história: “A galinha azul”**



Fonte: Arquivo Pessoal (2016).

## ***A galinha Azul***

*A história se passa em um reino onde o rei adorava comer ovos todos os dias. Pelo fato de o rei gostar muito de ovos, no reino havia um galinheiro real, onde todas as galinhas eram iguais, porém, certo dia chegou uma galinha nova que era diferente das demais, a galinha era azul. Quando as outras galinhas a viram, se assustaram com sua aparência e começaram a zombar, falar mal e fazer fofoca. Enquanto as outras galinhas botavam ovos iguais, a Galinha Azul botava ovos de formas e cores diferentes, o que piorava ainda mais a convivência dessa galinha no galinheiro real, pois ela era excluída pelas outras. Um dia, o servo do Rei saiu para recolher os ovos e então começou a ouvir choros que eram da Galinha Azul e ao questionar a galinha pelo choro, ela respondeu que por ser diferente e botar ovos diferentes, ninguém a queria por perto. O servo então, ao ver os ovos diferentes ficou admirado e encantado com tanta beleza e decidiu levar os ovos ao rei, que quando viu também se admirou e pediu ao servo para que convidasse a galinha para morar no castelo. As demais galinhas quando souberam do ocorrido, ficaram surpresas e arrependidas por ter tratado tão mal a galinha e perceberam que não se pode zombar de quem é diferente.*

A história foi adaptada pela nossa equipe de forma que pudesse ser encurtada, e facilitada para a contação. Durante o ato trabalhamos de forma lúdica, com o intuito de estimular a imaginação e criatividade das crianças. Com relação aos recursos para a contação desta história, utilizou-se o fantoche para simular os personagens, no caso, as galinhas. Os materiais utilizados foram 2 ovos cozidos e 4 sabonetes perfumados com cores diversas, para simular os ovos da galinha azul, e uma cesta para colocá-los. Também foram utilizadas 3 luvas de látex pintadas com tinta de tecido, sendo uma pintada de azul para representar a galinha azul e as demais de laranja, representando as demais personagens.

A história foi contada por meio da utilização de gestos, com movimentos de abrir e fechar o dedo indicador e o polegar, encostando um no outro e deixando o restante dos dedos levantados, simulando os personagens (galinhas) com as nossas mãos. Apesar do uso do fantoche, na hora em que falávamos também

demonstrávamos bastante nossas expressões faciais, e nos preocupamos bastante com a entonação da voz, pois era o que fazia toda a diferença para que a história fosse bem contada, despertando a curiosidade das crianças, para isso foram utilizadas habilidades como entonação de voz com ondulações, que eram modificadas de acordo com as reações e fala de cada personagem. Também se atentou para o conhecimento sobre o enredo da história e fala dos personagens.

No início da contação foi feito um combinado com as crianças de que elas fariam as perguntas ao terminar a história, e pode-se perceber durante o ato que todas elas demonstravam reações diversas, falavam o que estava acontecendo e o que elas estavam achando, riam bastante, mexiam-se entusiasmadas, emitiam gritos de surpresa, demonstravam feição de admiração e indignação durante o enredo, também imitavam a galinha com as mãos, entre outras expressões. Foi trabalhada a oralidade, a entonação, gestos, expressões faciais, e a socialização com as crianças, provocando emoções, participações, além de desenvolver a imaginação das mesmas.

As reações das crianças evidenciam a interação social sendo colocada em prática por meio da contação de histórias, como afirma Seber (1995), a criança paulatinamente, aprende a colocar aquilo que faz ou diz em relação àquilo que outrem faz ou diz. E, é a partir das brincadeiras e do ouvir histórias que ocorre esse estímulo e as trocas ocorrem, permitindo que a criança se desenvolva por meio de seus relacionamentos sociais, incorporando valores, expressando-se e obtendo novas aprendizagens. Demonstrando assim, por meio de suas reações o que estavam achando sobre a história, e conseqüentemente interagindo.

### Imagem 3 - Reações das crianças durante a contação da história



Fonte: Arquivo Pessoal (2016).

Este recurso foi pensado como forma de proporcionar a socialização e participação das crianças e professora regente, bem como de atender aos requisitos da disciplina de “Pensamento e Linguagem”, de forma que por meio da contação fosse possível observar a oralidade e pensamento da criança da Educação Infantil. A contação da história foi feita para os alunos de forma que ao final, pudessem expor suas perspectivas sobre a mesma.

Após a contação, conversamos sobre a história questionando o que mais gostaram, e tivemos como respostas:

- *“Eu gostei da galinha azul”.*

- *“Eu também gosto de ovo”.*

Percebeu-se que as crianças após o término da história citaram o que mais assimilaram e chamaram atenção, como nas falas citadas acima, em que uma das crianças apropriou-se da palavra “ovo” em um sentido pessoal, pois ela alegou comer ovo em casa, identificando-se assim com o rei da história.

A criança elabora ativamente as palavras com base em seus esquemas de assimilação, pois, segundo Piaget (apud Vygotsky, 2001) até a idade de sete ou oito



anos o jogo simbólico domina a tal ponto o pensamento da criança, que é muito difícil distinguir a invenção deliberada, da fantasia que a criança julga ser verdade. Ou seja, se atentarmos na afirmação que a criança deu ao dizer que gosta de ovo, nota-se que o sentido da palavra se deu devido a sua simbolização pelo gosto do rei, generalizando a palavra e evidenciando os esquemas de assimilação e acomodação.

De acordo com Piletti (2008), por meio da assimilação a criança incorpora elementos do mundo exterior às estruturas que já possui, e pela acomodação reajusta ou cria novas estruturas, assim, o ser humano desenvolve-se para adaptar-se às exigências do mundo. Em vista disso, ao trabalharmos a contação da história, permitiu-se a modificação dos conhecimentos prévios, possibilitando novas aprendizagens.

Em contrapartida, Vygotsky (apud UEA/PROFORMAR, 2005), concebe o indivíduo como sujeito ativo na construção de suas capacidades psíquicas, pois o indivíduo não se apropria passivamente dos significados presentes nas relações sociais, mas antes, passa por um processo de ressignificação baseado em suas experiências e necessidades. Sendo assim, nesta teoria a criança aprende por meio de suas experiências de um processo coletivo social para um processo individual, ou seja, a criança, ao dizer que come ovo em casa, trouxe em sua fala as experiências que ocorrem no seu cotidiano.

E indagando sobre a moral da história, perguntamos se era certo zombar do amigo que parece ser diferente e algumas das respostas foram:

- *“Não, tem que brincar com os amigos”.*
- *“Não pode fazer fofoca, né professora?”.*
- *“Não pode rir do amigo, né professora?”.*

Segundo Seber (1995), quanto maior for a aproximação da criança entre o lúdico e mundo vivido, menor será a fantasia, ocorrendo uma reflexão sobre os acontecimentos do cotidiano, permitindo que a criança possa correlacionar os elementos da história às suas experiências, como percebe-se nas respostas dadas

pelas crianças. E segundo Piaget (1967, apud Seber, 1995), a vida social é importante para a coerência interna e objetividade, de modo que por meio da contação de histórias, foi possível estabelecer trocas sociais com a prática da narração e discussão, permitindo com que as crianças ao dialogarem tomassem consciência de si e do outro, internalizando os valores transmitidos por meio do ato.

Segundo Vygotsky (2006), a criança por meio de seu pensamento e linguagem dispõe de ferramentas capazes de auxiliá-la desde tarefas simples às mais complexas, utilizando principalmente a linguagem para se comunicar, e conseqüentemente alcançar seus objetivos. Ou seja, a palavra nos constitui e nos transforma através do intermédio do outro, sendo mediadora de todo o processo de elaboração do mundo e de nós mesmos, e assim vamos nos integrando à cultura e aprendendo a ser humanos. Ou seja, observamos que as crianças elaboraram seu pensamento a partir do nosso direcionamento sobre a moral da história, onde as palavras de reflexão a respeito da moral começaram a ser elaboradas.

Ficamos surpresas quando uma das crianças, que apresentava uma fala de difícil compreensão, perguntava por várias vezes:

- *“Vocês já vão?”*
- *“E agora, vocês já vão?”*
- *“Acabou?”*

E a professora nos respondeu que a intenção da criança não era que fôssemos embora, mas ao contrário, ela queria que ficássemos, pois tinha gostado da história, o que demonstra que era necessária uma experiência prévia com as crianças, para então ganharmos sua confiança e sabermos por meio da convivência, interpretar as suas falas.

Em seguida, pedimos para as crianças se dirigirem às mesas, e então entregamos folhas de papel ofício e lápis de cor para desenharem o que mais havia chamado à atenção na história contada. Surpreendemo-nos ao ver que grande parte das crianças tinham desenhado as mãos, pois construíram o significado da palavra galinha considerando os elementos da história, de forma que estimularam a

imaginação sem considerar a mão apenas como uma mão, mas a simbolizaram como uma galinha, mesmo já tendo um conhecimento de como é uma galinha.

Também observamos que nos desenhos havia vários tipos de ovos, de tamanhos diferentes de modo que pudessem diferenciar os ovos da galinha das demais.

Observamos que o desenho das crianças se deu da maneira como elas estruturaram sua percepção da história contada, onde a relação entre o pensamento e a linguagem com os desenhos são elaborados com base em seus esquemas de assimilação, e conforme Piaget (apud VYGOTSKY, 2006), a criança por meio de sua imaginação tenta resolver problemas sem se preocupar com provas e verificações, diferentemente dos adultos que buscam alcançar as condições necessárias para identificar a verdade. A necessidade de verificação e comprovação, ou seja, a atividade lógica somente surgirá com o seu crescimento. Esta defasagem será de esperar, diz Piaget (2006), visto que o pensamento começa a servir à satisfação imediata muito antes de procurar a verdade, forma mais espontânea do pensamento que é o jogo ou as imaginações plenas de desejo que fazem o desejável parecer inatingível. Ou seja, a criança constrói significados que nem sempre correspondem aos significados utilizados pelos adultos.

As crianças reproduziram no desenho a galinha como a mão, por conta da representação da função simbólica daquilo que lhes foi atribuída em relação à história, sem se preocupar ou questionar se aquilo era verdadeiro.

Em contrapartida, para Vygotsky (2006), observa-se que a relação entre o pensamento e a linguagem com o desenho se dá através do processo de formação do pensamento que se dá pela vida social e pela constante comunicação que se estabelece entre as crianças e adultos, assimilando com experiências anteriores, ou seja, notou-se que algumas crianças por saberem como é uma galinha, desenharam de acordo com sua memória sem se preocupar com a figura real.

Observou-se que, através da contação de histórias, foi possível conhecer sobre como a criança pensa e se expressa a partir do que lhe foi dito, pois despertou nelas o pensamento criativo e a representação da atividade colocada em prática. Possibilitou também a compreensão das experiências que trazem consigo, além de trabalhar elementos importantes para o desenvolvimento psicossocial.

### **3.2 Segunda experiência com Contação de histórias: “Confusão na cidade dos números” (2017)**

A segunda experiência com contação de histórias ocorreu em 19 de junho de 2017, foi realizada por meio de um trabalho de campo no mesmo CMEI que ocorreu a minha primeira experiência, só que dessa vez foi devido ao Estágio Supervisionado I, mais especificamente, como Plano de Ação Pedagógico. E a elaboração do plano de aula tinha como objetivos: Identificar quais as contribuições desta prática para o desenvolvimento psicossocial da criança; utilizar a contação de histórias no ensino da matemática e verificar se o uso de contação de histórias e atividades lúdicas colaboram para a aprendizagem da matemática.

Ao longo do estágio pude observar que a professora realizava o processo de contação de histórias, e fui fazendo observações, anotações sobre sua prática. É importante salientar que tive tanto interesse pela professora citada, que no estágio pedi para ficar na mesma turma, pois sentia que poderia aprender muito com ela. E assim, fui refletindo sobre como poderia trabalhar interdisciplinarmente os conteúdos de Matemática por meio da contação de uma história que objetivava a transmissão de valores.

No dia da intervenção, eu e minha parceira de estágio fizemos a introdução da história intitulada “Confusão na cidade dos números”, que foi retirada do site: Turma dos Moranguitos, e adaptada para a facilitação da contação.

A história foi escolhida pensando-se na faixa etária das crianças da turma do pré-escolar I, e adaptada de modo que despertasse o interesse das crianças, bem como proporcionasse a transmissão de valores importantes para o desenvolvimento psicossocial, trabalhando elementos importantes para a interação social da criança.

Primeiro fizemos um círculo com eles, falando sobre os numerais (0 a 9), quantidade e depois cantamos músicas relacionadas aos números: "10 indiozinhos", e "Um, dois, feijão com arroz". Após isso, foi dado início a história:

### **Confusão na cidade dos números**

*Na cidade dos números já fazia alguns dias que se vivia uma grande confusão. Não se ouvia nada a não ser discussões. Sem saberem exatamente o porquê, os números andavam zangados e tudo era motivo para mais uma briga.*

*O dois (2) não falava com o três (3). O quatro (4) já não ia ao cinema com o cinco (5). O seis (6) já não contava histórias ao sete (7). O oito (8) já não andava de bicicleta com o nove (9) e o zero (0) estava completamente ausente.*

*Os números não podiam ver uns aos outros, implicavam por tudo e por nada.*

*Recusavam-se a fazer tudo, então o um (1) temeu o pior:*

*-Não, as coisas não podem continuar assim! Se não conseguirmos dar-nos bem não vamos poder ser somados e subtraídos. Como vamos contar quantos coleguinhas temos? Como vamos contar os objetos? Como vamos saber a quantidade das coisas?*

*Então, o um (1) decidiu pedir ajuda ao zero (0) e invadiu o seu mundo tranquilo:*

*-Zero (0), os números não se falam, vivem brigando, precisamos fazer algo antes que isto se transforme em um desastre e afete as pessoas que precisam de nós.*

*O zero ficou parado. O um perdeu a esperança de que o zero pudesse ajudá-lo, mas passados alguns segundos o zero disse:*

*-E se pedíssemos ajuda às palavras?*

*Excelente ideia! Respondeu o um todo entusiasmado.*

*Juntos foram falar com as palavras, contaram o que estava acontecendo e pediram ajuda às palavras. E elas disseram que iam ajudar e combinaram de invadir a cidade dos números com as palavras do “bem”*

*No dia seguinte, na cidade, voavam, circulavam e dançavam palavras como companheirismo, amizade, felicidade, respeito e gentileza.*

*E então, os números foram contagiados por aqueles sentimentos bons e decidiram virar amigos. Tudo voltou ao normal. A sobrevivência da cidade dos*

*números e das pessoas que precisavam deles já não estava correndo perigo, graças ao zero e ao um e à sua aliança com as palavras do bem.*

**Imagem 4- Início da contação da história: “Confusão na cidade dos números”**



Fonte: Arquivo Pessoal (2017).

Ao terminar a contação da história, conversei com as crianças sobre a importância dos números e de como devemos tratar o próximo, trabalhando os valores por meio da história, com as “palavras do bem”, que eram: respeito, gentileza, amizade, companheirismo e felicidade. E assim, abrindo espaço para que elas expusessem seus pensamentos. Foram feitas perguntas como – “A gente pode brigar com o amiguinho?”, - “O que salvou a cidade dos números?”, “Vocês sabem a importância das palavras do bem?”, após isso, permitiu-se que eles fizessem perguntas livres e assim, respondia-se o que era perguntado. E dentre as respostas mais marcantes das crianças é possível citar as seguintes:

- *“A gente não pode brigar com o colega, tem que cuidar”.*
- *“Aqui todo mundo é amigo que nem na história”.*
- *“Por que eles brigavam, professora? Não é legal brigar, machuca”.*
- *“Eu gosto dessas palavras, tiaaa”.*

Percebe-se por meio das respostas, que a contação da história permitiu com que as crianças internalizassem os valores transmitidos por meio dos acontecimentos da história, para Vygotsky (2006), as respostas mediadoras ao mundo transformam-se em um processo psíquico, e é através da interiorização das informações que há a incorporação da cultura.

Segundo Dohme (2010), as histórias são úteis na transmissão de valores porque dão razão aos comportamentos humanos, e interferem no comportamento social do indivíduo, de modo que associa à um fato presente na história contada, nota-se isso por meio das respostas: - *“A gente não pode brigar com o colega, tem que cuidar”* e - *“Aqui todo mundo é amigo que nem na história”*. As crianças tomaram como exemplo as ações dos personagens da história, e dos valores eu tratam sobre respeito, gentileza, amizade, companheirismo e felicidade, evidenciado assim, a importância da intenção do enredo e forma como a moral presente nele é repassada.

De acordo com Seber (1995), a integração da criança na sociedade e na cultura acontecem por meio das interações sociais, que vão sendo aprimoradas conforme as experiências. Sendo assim, por meio do diálogo após a contação, permitiu-se com que as crianças expusessem suas opiniões, interagindo e construindo valores necessários para o desenvolvimento social.

Diante do questionamento: - *“Por que eles brigavam, professora? Não é legal brigar, machuca”*, é possível perceber o que segundo Piletti (2008), a criança em seu convívio social com as crianças da mesma idade vai, paulatinamente, obtendo uma linguagem mais empática, tendo dimensão sobre o outro, desenvolvendo sentimentos de empatia ou até mesmo antipatia dependendo de seus interesses. Isto evidencia a importância de histórias que possibilitem o desenvolvimento de habilidades para o convívio social e controle de emoções, permitindo com que a criança possa indagar e refletir sobre os elementos presentes na história, relacionando com sua realidade.

Foi utilizado como recurso metodológico a maquete de isopor para simular a cidade dos números. Os personagens, que eram os números de 0 a 9 e as “palavras do bem” foram confeccionadas com E.v.a (emborrachado), para representar os moradores da cidade.

### Imagem 5 - Recursos utilizados para a contação da história



Fonte: Arquivo Pessoal (2017).

O recurso utilizado foi confeccionado de forma bem criativa, proporcionando uma experiência divertida e lúdica, a cidade feita com as supostas casas e ruas, os números com olhos, boca, nariz, simulando expressões faciais, e com palitos colados, para que fosse possível espertarmos na maquete, e até mesmo as “palavras do bem”, que eram palavras que representavam os valores cujo queríamos repassar na história, foram confeccionadas para que as crianças pudessem tocar e visualizar melhor.

As habilidades necessárias para a contação foram principalmente a entonação de voz, pois era modificada de acordo com a fala de cada personagem da história, bem como as reações de tristeza, alegria, espanto, etc. As expressões faciais também foram marcantes, nossos gestos e reações fizeram toda diferença ao despertar o interesse das crianças. É importante salientar que o estudo sobre o enredo e personagem da história, bem como a confecção dos materiais e preparação do ambiente foram imprescindíveis para que houvesse contribuições significativas e a contação ocorresse como planejado.

A utilização da maquete foi pensada devido às observações feitas em sala de aula sobre a prática da professora regente. Pensou-se em um recurso diferente do utilizado frequentemente pela professora, no caso o livro de histórias infantis, de modo que as crianças pudessem tocar e observar de modo concreto os



personagens e cenário da história, de forma lúdica, permitindo que sentissem e tivessem as mais variadas sensações, estimulando também sua imaginação.

**Imagem 6 - Momento da contação da história: “Confusão na cidade dos números”**



Fonte: Arquivo Pessoal (2017).

A contação da história foi trabalhada de acordo com o que está previsto no RCNEI (1998), garantindo a aprendizagem por meio da interação social, de modo que cabe ao professor, mediar este processo de maneira que possibilite as trocas entre as crianças, e que possam comunicar-se, expressar-se, demonstrando seus modos de agir, pensar e sentir. Para tanto é necessário um ambiente acolhedor e que forneça elementos afetivos e de linguagem para que as crianças aprendam a conviver e a lidar com as dificuldades, buscando soluções para as dificuldades encontradas em seu cotidiano.

Foi possível observar como a contação de histórias pode contribuir não só para a formação de valores, como no exemplo da história em que haviam as “palavras do bem” compostas por companheirismo, amizade, felicidade, respeito e gentileza, mas também pode-se trabalhar os mais diversos conteúdos e temáticas, desenvolve aspectos cognitivos e sociais, e prepara a criança para a vida em sociedade, promovendo a interação e trabalhando aspectos importantes para o desenvolvimento psicossocial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada, teve como foco a contação de histórias e sua contribuição para o desenvolvimento psicossocial da criança na Educação Infantil, com os objetivos de apresentar o processo de desenvolvimento psicossocial da criança por meio da contação de histórias, considerando referencial teórico pertinente; descrever recursos e estratégias metodológicas apropriados para o ato de contar histórias, destacando as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado I; e discutir as contribuições do ato de contar histórias para o desenvolvimento psicossocial da criança.

Este trabalho teve como incentivo os estudos nas disciplinas acadêmicas de Pensamento e linguagem da criança e Estágio Supervisionado I, por meio das observações de campo que despertaram inquietações, e conseqüentemente, o interesse sobre o tema. Este trabalho visou contribuir para os estudos acerca do tema, levando em consideração a durabilidade das observações e prática sobre o objeto de estudo em um CMEI. A realização da pesquisa ocorreu em tempo hábil, com recursos materiais apropriados.

No primeiro capítulo deste trabalho com o intuito de explicar o tema à luz dos teóricos, foram apresentados conceitos importantes sobre a contação de histórias, sua dimensão pedagógica e psicossocial, bem como, as características e especificidades da criança da educação infantil, abordando a importância do ato de contar histórias para essas crianças e como contar. Desta forma foi possível aprofundar meus conhecimentos desmistificando ideias preestabelecidas e aperfeiçoando minha prática profissional no que diz respeito ao ato de contar histórias.

Em seguida, no segundo capítulo apresentou-se os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa, expondo os dados e informações do caderno de campo, que foram imprescindíveis para a realização da pesquisa, com observações e anotações da prática da professora regente, fala dos alunos e reflexões pessoais sobre a realidade vivenciada no Estágio Supervisionado I. Focando na prática da professora com o intuito de observar os recursos utilizados por ela na contação de histórias, aprendendo técnicas e habilidades necessárias

para esta prática. Desse modo, foi possível utilizar outras opções de recursos com o intuito de inovar e aprimorar a prática de contação de histórias por meio do plano de ação pedagógico.

Por fim, no terceiro capítulo foram destacadas as experiências com contações de histórias, realizadas no ano de 2016 e 2017, por meio da disciplina “Pensamento e Linguagem da Criança” e, posteriormente “Estágio Supervisionado I”, a fim de discutir sobre as contribuições do ato de contar histórias para o desenvolvimento psicossocial da criança, refletindo assim sobre os resultados da pesquisa. Neste capítulo foi possível refletir sobre as contribuições deste ato, analisando as falas e comportamentos das crianças do pré-escolar I que foram espectadoras das experiências realizadas. Percebeu-se a importância de atrelar teoria e prática, bem como, a relevância de pensar em recursos que possam colaborar para o desenvolvimento da criança, levando em consideração suas especificidades e aspectos sociais, emocionais e cognitivos, obtendo assim, resultados significativos.

No decorrer desta, foram encontrados problemas e lacunas relacionadas a prática do professor da Educação Infantil. A contação de histórias muitas das vezes não é exercida com frequência, e quando ocorre nota-se a ausência de empenho por parte dos profissionais, bem como, o desprovimento de habilidades necessárias para esta prática, alegam também a falta de recursos materiais e de tempo para elaboração de contações de histórias com recursos aprimorados. Geralmente, utilizam apenas o livro de histórias infantis, evidenciando a necessidade da utilização de outros recursos que podem ser trabalhados de modo lúdico e criativo levando em consideração a faixa etária e especificidades dos alunos.

Esta pesquisa possibilitou a reflexão sobre a importância da formação do professor, evidenciando a necessidade de estudos acerca do tema, levando em consideração os conhecimentos sobre a criança que é sujeito foco deste processo, e aperfeiçoamento da prática pedagógica principalmente no que se refere ao ato de contar histórias.

A realização deste trabalho visou agregar conhecimentos para os profissionais atuantes no campo da Educação Infantil da rede pública de ensino, bem como, para comunidade acadêmica na área da educação e demais interessados sobre o tema.

Sugiro que haja mais oportunidades de prática com contação de histórias para os acadêmicos de Licenciatura em Pedagogia, de modo que possam realizar pesquisas e estudos levantando dados e informações importantes para as reflexões sobre esse tema.

Portanto, diante do que foi exposto, o seguinte trabalho contribuiu de forma significativa para minha formação acadêmica e profissional, possibilitando uma nova perspectiva, um novo olhar sobre este processo, bem como, sobre a aprendizagem por meio das interações, agregando conhecimento sobre a contação de histórias, indo além da postura de professor, mas posicionando-me sobretudo como ser humano, que ensina e também aprende com outrem, utilizando a afetividade e compreensão nesta prática. A contação de histórias é mais que um ato de entreter, é educar, transformar por meio de uma prática divertida e prazerosa que precisa ser feita com dedicação e empenho. Reflito assim, sobre a importância de trabalhar a contação de histórias com foco em uma aprendizagem voltada para a vida, a fim de formar sujeitos críticos e reflexivos, que contribuirão para um bom convívio social, e conseqüentemente, para a transmissão de valores para as futuras gerações.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília: MEC, 1998. Volume 1.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto Brasília: MEC, 1998. Volume 2.

DOHME, Vânia D' Ângelo. **Técnicas de Contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. São Paulo: Informal Editora, 2010.

GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. **A arte de encantar: O contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. II: Tati Mões. São Paulo: Cortez Editora, 2012. p. 79-95.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. Tradução: Roberto Cataldo Costa; revisão técnica: Dirceu da Silva. – 2.ed.- Porto Alegre: Penso, 2012. 488 p. 25.

MUNDURUKU, Daniel. **Literatura infantil**. Callis editora, 2009. (6m10s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aEdGxYVXXFE>. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

NASCIMENTO, Maria Evany do; OLIVEIRA, Valdemir. **Literatura Infantojuvenil**. Universidade do Estado do Amazonas, Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, Curso de Letras Mediado por Tecnologia. Editora UEA, 2017.

NASCIMENTO, Maria Evany do; OLIVEIRA, Valdemir. **Metodologia do estudo e do trabalho**. Manaus: UEA Edições, 2016.

OS MORANGUITOS. **Confusão na cidade dos números**. 2011. Disponível em: <http://turmadasmoranguitos.blogs.sapo.pt/196409.html>. Acesso em: 18 de maio de 2017.

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. 17ª ed. Ática. São Paulo, SP. 2008.

PROCESSOCOM. **A importância de Griôs na socialização de saberes e de fazeres da cultura**. 2016. Disponível em: <http://www.processocom.org/2016/06/01/a-importancia-de-grios-na-socializacao-de-saberes-e-de-fazeres-da-cultura/>. Acesso em: 15 de agosto de 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013

QUINTAL DA CULTURA. **A galinha Preta**. 2012. (11m28s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s8nMVhi6vYc>. Acesso em: 1 de maio de 2016.

REVISTA BARBANTE. **O mundo da contação de histórias**. Ano I - no 01 1 de fevereiro de 2012.

SEBER, Maria da Glória. **Psicologia do pré-escolar: uma visão construtivista/** Maria da Glória Seber, Vera Lúcia Freire de Freitas Luís (colaboradora). - São Paulo: Moderna, 1995.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, 1928. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação** / Augusto Nivaldo Silva Triviños. - São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS. PROFORMAR. **Psicologia da Educação 1**. 3. ed. Manaus :UEA/ PROFORMAR, 2005. 56p.

VYGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução Maria da Penha Villalobos. - São Paulo: Ícone, 2006. (pp. 39 – 103).

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem** (1896-1934). Edição Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook eBooksBrasil.org. Setembro 2001.